



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

VILMAR PEREIRA GOMES

PÉROLA DO MAICÁ: O MODO DE VIDA AMAZÔNICA COMO RESISTÊNCIA

**SANTARÉM-PARÁ
2022**

VILMAR PEREIRA GOMES

PÉROLA DO MAICÁ: O MODO DE VIDA AMAZÔNIDA COMO RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Dr. Eduardo Soares Nunes

SANTARÉM-PARÁ
2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA

G633p Gomes, Vilmar Pereira
 Pérola do Maicá: o modo de vida Amazônida como resistência. / Vilmar Pereira
 Gomes. – Santarém, 2022.
 60 p.: il.
 Inclui bibliografias.

 Orientador: Eduardo Soares Nunes.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do
 Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Curso Bacharelado em Antropologia.

1. Pérola do Maicá. 2. Força capitalista. 3. Força Amazônida. I. Nunes, Eduardo Soares, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 363.5098115

VILMAR PEREIRA GOMES

PÉROLA DO MAICÁ: O MODO DE VIDA AMAZÔNIDA COMO RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia.

Orientador: Dr. Eduardo Soares Nunes

Nota: 9,5

Data da aprovação: 19/08/2022

Banca Examinadora:

PRESIDENTE: Prof. Dr. Eduardo Soares Nunes
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

Prof. Dr. Diego Amoedo Martinez
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

Prof^a. Dr^a Júlia Dias Escobar Brussi
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

No décimo nono dia do mês de agosto de 2022, às 14:00 horas, em sala virtual da plataforma Google Meet, realizou-se a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso do discente do curso de Bacharelado em Antropologia Vilmar Pereira Gomes, intitulado “Pérola do Maicá: o modo de vida amazônica como resistência”. A Banca Examinadora foi composta pelo orientador, Prof. Dr. Eduardo Soares Nunes (Presidente), e pelos avaliadores, Prof^a Dr^a Júlia Dias Escobar Brussi e Prof. Dr. Diego Amoedo Martinez. O presidente fez a abertura da sessão de defesa com a apresentação dos componentes da banca e do discente, e atribuiu o tempo máximo de 20 (vinte) minutos para a apresentação do trabalho. Após a apresentação passou-se à arguição dos(as) componentes da banca e, em seguida, às respostas do(a) discente. A comissão reuniu-se e apresentou o parecer final com a nota 9,5 (nove e meio). Em seguida, os membros da banca fizeram suas considerações finais e passaram a palavra para o(a) discente, que efetuou seus agradecimentos. Nada mais havendo a tratar, eu, Eduardo Soares Nunes, lavrei a presente ata que, após ser lida, foi assinada pelos membros da banca e pelo(a) discente.

Banca Examinadora:

PRESIDENTE: Prof. Dr. Eduardo Soares Nunes

AVALIADORA: Prof^a Dr^a Júlia Dias Escobar Brussi

AVALIADOR: Prof. Dr. Diego Amoedo Martinez

Discente:

Vilmar Pereira Gomes

Dedico à Ivone Gomes, Mara Conde e Maria Elke, minhas conexões afirmativas.

AGRADECIMENTO

Aos moradores do Bairro Pérola do Maicá, que aceitaram realizar minha jornada em seu cotidiano.

A Minha Mãe, Minha irmã Mara e seu esposo Guilherme, Minha aliada esposa Elke por todo apoio e tolerância durante o desenvolvimento do estudo.

Às minhas irmãs e irmãos, por todo apoio, paciência e ajuda tão necessários no decorrer desta jornada acadêmica.

Ao Prof. Dr. Eduardo Soares Nunes, por suas magnificas intervenções que me impeliram ao alinhamento desta monografia.

Aos Professores do PAA que souberam lidar com meu “esquizo” durante o meu percurso acadêmico.

São organismos que morrem, não a vida.

*(Gilles Deleuze
)*

RESUMO

A biodiversidade e sociodiversidade amazônica abre um horizonte de curiosidade imensurável, possibilitando inesgotáveis questionamentos. Essa combinação de um campo diverso e a curiosidade resultou em uma busca antropológica em saber como os modos de vida amazônicos resistem às investidas do capitalismo hegemônico. Este estudo busca conhecer os modos de vida e como aí são constituídas as resistências dos moradores da comunidade Pérola do Maicá no Município de Santarém. Para isso, adentrou-se no cotidiano dessa comunidade amazônida para compreender como as pessoas agenciam suas resistências em sua vida social e em seus vínculos com o meio ambiente. Conclui-se às relações entre as pessoas, a multiplicidade de entrelaçamentos, cria redes de relações que ampliam o horizonte territorial e existencial a partir do parentesco e dos afetos de amizade, reforçando a resistência por meio da troca e da atualização de conhecimentos sobre a vida amazônida. Além disso, a resistência dos povos amazônidas é fundamental para a preservação do ecossistema e para os seus modos de vida no Lago do Maicá.

Palavras chave: Pérola do Maicá. Força Capitalista. Força Amazônida. Lugar. Resistência.

ABSTRACT

Amazonian biodiversity and sociodiversity open a horizon of immeasurable curiosity, allowing us inexhaustible reflection. This combination of curiosity and such a diverse scenario resulted in an anthropological inquiry to know how Amazonian ways of life resist the onslaughts of hegemonic capitalism. This study seeks to understand these ways of life and how they are constituted as forms of resistance by the residents of the Pérola do Maicá community in the Municipality of Santarém. In order to do so, we went into the daily life of an Amazonian community to understand how these people manage their resistance in their social life and in their bonds with the environment. It is concluded that the relationships between people, the multiplicity of entanglements, create networks of relationships that expand the territorial and existential horizons by means of kinship ties and friendship affections, reinforcing resistance through the exchange and updating of knowledge about the amazon life. In addition, the resistance of the Amazonian peoples is fundamental for the preservation of the environment and for their ways of life in Lake Maicá.

Key-words: Pérola do Maicá. Capitalist Force. Amazonic Force. Place. Resistance.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização e vias de acesso ao Bairro Pérola do Maicá.....	15
FIGURA 2 – Mãe cuidando do momento de lazer dos filhos	17
FIGURA 3 – Tipo casa das comunidades ribeirinhas	18
FIGURA 4 – Placas demarcatórias	23
FIGURA 5 – Projeção digital do Porto da EMBRAPs.....	24
FIGURA 6 – Interseção entre as vias Cristóvão Colombo e Santarém e analogia aos quadrantes ..	28
FIGURA 7 – Manifesto organizado	35
FIGURA 8 – Porto na cheia do Lago Maicá.....	36
FIGURA 9 – Cruzamento da Av. Cristóvão Colombo com Avenida Santarém	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1.....	15
1.1 Contextualizando o bairro e cenário da resistência.....	15
1.2 Os moradores do bairro e a construção da pesquisa.....	19
1.3 O cenário, a resistência.....	21
CAPÍTULO 2.....	26
2.1 Os modos resistentes de ocuparem e se mobilizarem no espaço.....	26
2.2 A rua principal até o Lago e os modos de resistência.....	33
2.3 O vizinho e seu modo de se mobilizar.....	40
2.4 O pescador e sua cozinha singular.....	43
CAPÍTULO 3.....	44
3.1 A socialidade amazonida: resistência na fluidez da existência.....	44
3.2 O discurso comunal resiste.....	47
3.3 A fluência de um hábil pescador.....	49
3.4 As resistências cotidianas por terra e por água.....	51
3.5 A dissolução da mercancia na socialidade.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

Adentrar no dinamismo da biodiversidade e sociodiversidade amazônica nos abre um horizonte de curiosidade imensurável, possibilitando inesgotáveis questionamentos. E, para minha pesquisa, essa combinação de um campo diverso e a curiosidade resultou em uma busca antropológica em saber como os modos de vida amazônicos resistem às investidas do capitalismo hegemônico. Para isso, adentrei no cotidiano de uma comunidade amazônica, para compreender como essas pessoas agenciam suas resistências em sua vida social e em seus vínculos com o meio ambiente.

Os questionamentos deste trabalho surgiram nas aulas da disciplina “Antropologias Contrahegemônicas”, durante o curso de Bacharelado na disciplina obrigatória do sexto semestre do curso. E por uma proximidade ao conceito de *agenciamento* de Deleuze e Guattari. Mas o que me fez imergir de fato na problemática dessa pesquisa foi quando durante a disciplina de “Métodos Quantitativos e Qualitativos” em que realizei uma breve pesquisa qualitativa como instrumento avaliativo dessa disciplina junto à comunidade do bairro do Pérola do Maicá. O objetivo dessa pesquisa foi verificar a percepção dos moradores em relação à construção de um mega empreendimento portuário para escoamento de grãos, que está em processo de instalação e afetará a ecologia do bairro e os modos de vida dos seus moradores.

Desta experimentação surgiu-me a vontade de me aprofundar mais e saber como os moradores da comunidade mobilizam as resistências, em seu cotidiano, ao avanço das forças capitalistas com seus empreendimentos que vão se sobrepondo aos territórios e aos modos de existência das populações locais.

Para isso, elaborei uma estratégia de pesquisa que incluía morar na comunidade e fazer meu percurso etnográfico. E foi o que aconteceu no mês de fevereiro 2020. Tornei-me um pesquisador com um olhar participativo junto aos interlocutores na comunidade. Equipado com um aparelho de celular para registrar as imagens e gravar as conversas e um caderno de campo, passei a conviver com os moradores e me envolver com eles em seu cotidiano. Para efetivar o percurso etnográfico, procurei me apresentar formalmente junto a comunidade. Aproveitando um momento em que acontecia uma reunião ordinária na AMBAPEM – Associação dos Moradores do Bairro do Maicá em sua sede comunitária, apresentei-me a comunidade como estudante do curso de Antropologia pela UFOPA e fiz uma breve

exposição do meu projeto de pesquisa para os moradores onde obtive a aceitação tanto do coro presente como da mesa diretora da AMBAPEM.

Imprescindível destacar, que o levantamento de dados, no interior desta comunidade de bairro, foi realizado durante o período da pandemia da covid 19. Alguns dias após minha chegada em campo, a pandemia irrompeu e tiveram início as severas restrições sanitárias (isolamento social etc.) que me fizeram mudar, de maneira importante, as estratégias metodológicas na coleta de dados. Estas restrições implicaram principalmente na impossibilidade de fazer entrevistas com os interlocutores de faixa etária mais avançada. O impacto da pandemia para a pesquisa de campo foi muito grande nesse momento inicial. Olhando retrospectivamente, entretanto, a necessidade do isolamento social me fez exercitar o olhar. Com a possibilidade de interação muito limitada, passei a observar atentamente a movimentação das pessoas, seus caminhos pelo bairro, as atividades cotidianas de modo geral nesta comunidade. Porém, estas restrições me deram oportunidade de intensificar, mesmo que de maneira distanciada, o olhar sobre as movimentações do cotidiano dos moradores.

O processo etnográfico iniciou em março de 2020 e foi sendo efetivado, considerando as restrições da pandemia até dezembro de 2021. Nesse período houveram diversos percalços que provocaram descontinuidades em algumas atividades em campo, alterando de forma importante a dinâmica do trabalho in loco. Me refiro principalmente a impossibilidade de fazer entrevistas naquele momento com alguns moradores de faixa etária avançada. Contudo, algumas entrevistas foram feitas após a diminuição das restrições sanitárias e a vacinação com 1 ou 2 doses em moradores abaixo de 50, e após a terceira dose para os acima dessa faixa etária.

Esse período na comunidade foi de muitas perdas humanas devido a contaminação da covid 19. Isso deixou os moradores bastante receosos, principalmente em relação às pessoas de fora da comunidade, o que me exigiu cautela em minhas incursões em campo. Mas, com o passar do tempo e a diminuição das restrições relacionadas a pandemia, pude ir consolidando minhas investidas etnográficas.

Assim sendo, estarei a expor aqui, acontecimentos singulares de resistência no cotidiano de um grupo de moradores do Bairro Pérola do Maicá no Município de Santarém Pará, que são os que não se identificam como povos tradicionais, mas cuja vida cotidiana igualmente se caracteriza por uma resistência ativa às forças do capitalismo. Ou seja, esses moradores em sua grande maioria, embora não necessariamente estejam engajados em lutas políticas articuladas em torno de categorias de reconhecimento étnico ou de grupos

minoritárias – como no caso dos quilombolas ou dos pescadores tradicionais, igualmente manifestam em seu cotidiano uma força amazônida, que deixa transparecer inúmeros aspectos de resistência à força capitalista. Para etnografar essa resistência, procurei observar os fluxos da vida cotidiana desses moradores: suas atividades corriqueiras; as falas da vida acontecendo, onde os moradores compartilham suas experiências; os movimentos de corpos humanos e não humanos e seus encontros no lago, nas ruas, nos campos, nas casas, nos centros comunitários e afins. Deste modo, foram nestes lugares e nestes atos onde procurei observar e compreender como esses moradores, atravessados pela força amazônida, se agenciam cotidianamente, produzindo resistências existenciais a força do capitalismo. Resistências estas que são efeito de seu modo de vida, ao se mobilizarem e ocuparem os espaços, produzindo uma socialidade num ambiente heterogêneo e socioeconomicamente complexo: a vida amazônida como modo de resistência.

Para isso, procurei imergir na vida dessa comunidade, que se atualiza inevitavelmente nos ciclos das águas do Lago Maicá. Atualiza-se, mesmo nos momentos silenciosos e aparentemente sem movimento, numa calma característica de uma comunidade alicerçada pela força amazônida, com fluxos de vida constituídos de velocidades com ritmos próprios, e modos singulares de perceber, ocupar e produzir os lugares cotidianamente na paisagem. Paisagem que carrega muitíssimo forças de povos que fazem como Viveiros de Castro (2011) diz, “desde muito cedo na história um caminho civilizacional radicalmente distinto” do modo ocidental capitalista.

Para essa imersão etnográfica, que buscará nas sutilezas do cotidiano desse grupo de moradores os atos de resistência, tomaremos algumas discussões teóricas da antropologia e da filosofia como base para compreender a resistência desses moradores.

Para efeito de compreensão analítica, faz-se necessário enunciar nosso entendimento sobre o termo “atos”, já que os atos do cotidiano dos moradores serão um dos elementos de análise. De acordo com Barth (2000), os atos surgem do objetivo intencional da pessoa em ação. De forma geral, prossegue o autor, os atos são de maneira simultânea: instrumentais, no sentido restrito da racionalidade, e expressivos, no que tange a orientação, a condição e a posição do ator. Ao buscarmos as conexões dos atos no sentido de sua origem, encontraremos planos, estratégias, afirmações identitárias, valores e conhecimentos, os quais são fatores importantes para averiguarmos como os moradores se constituem em seu próprio modo de vida e produzem sua resistência cotidianamente. Ou seja, para que os elementos de resistência, que atualizam a força amazônida, possam ser evidenciados etnograficamente,

voltaremos nossa atenção para atos dos moradores, no seu simples existir nesse lugar, nos pormenores do seu cotidiano, nas nuances quando movimentam o corpo, enunciam algo, traçam suas relações com os outros humanos e não humanos, quando falam sobre essas relações, quando produzem narrativas sobre eles próprios, no que expressam sobre sua existência cotidiana.

A maneira como os moradores habitam o bairro e o lago contrasta marcadamente com a maneira como a força capitalista ocupa e se sobrepõe aos lugares. O conceito de *lugar*, tal como elaborado por Casey (1996), se torna assim um importante instrumento analítico para compreender a resistência cotidiana desses moradores, permitindo elaborar o contraste entre dois modos diferentes de relação com os lugares. Casey recusa a ideia de espaço como um *a priori* vazio, um dado bruto, homogêneo, isotrópico, isométrico, sobre o qual a vida acontece, e propõe usar a noção de “lugar”, apontando que lugares e pessoas se constituem reciprocamente. A força amazônica que atravessa a vida dos moradores do bairro faz com que eles se percebam como parte do lugar: a vida das pessoas é inseparável do lago, assim como o lago só existe sendo habitado por essas pessoas. Além de mostrar esse contraste, essa ideia de Casey nos possibilita vermos os lugares não como substratos vazios e sim como uma presença já plena, atravessada por instituições culturalmente constituídas que transpassam os corpos dos sujeitos afetivos.

Para analisar a vida cotidiana dos moradores do bairro como uma forma de resistência à força capitalista faço uso também, além da noção de lugar, dos conceitos de *agenciamento* e *multiplicidade* de Deleuze e Guattari (2000: 10). Destarte, esses dois conceitos serão ferramentas centrais para o desenvolvimento desta monografia.

A opção de trazer o conceito de “agenciamento” apoia-se na ideia de que ele permite ver as conexões que têm lugar nos encontros entre os elementos distintos (ecológicos, sociais, políticos, culturais, tecnológicos) que coexistem no bairro, de maneira que se compreenda os modos de vida dos moradores como um meio de resistência as forças capitalistas, considerando as “multiplicidades” do bairro ao ponto que não há nesse modo de vida negação as transformações contingentes. Ou seja, o agenciamento dirá que pode existir resistências mesmo com as intervenções tecnológicas da força capitalista na vida das pessoas. Para um exemplo concreto no cotidiano do bairro, temos o agenciamento de mobilidade visto no encaixe pescador/motor-rabeta/canoa, uma situação cotidiana que o conceito de agenciamento permite capturar sem obscurecer os modos de resistência dos moradores.

Para delimitarmos o campo em que vamos verificar como se constitui os atos de resistência, posicionaremos assim esse embate dessas forças antagônicas: de um lado está a força amazônida, produzida na imanência do modo de vida dos moradores, expressa nos atos cotidianos; do outro lado, as forças sobrecodificadoras do capitalismo, com seus esquemas exógenos e hegemônicos. Esta delimitação considera que essa comunidade de bairro onde esses conflitos acontecem, tem uma dinâmica social e econômica, atravessada pela sociedade abrangente, sistematicamente capitalista e a mesma mantém amplas conexões com o mundo contemporâneo globalizado.

Esta monografia está constituída de três capítulos. No primeiro faço, uma contextualização do bairro, apresentando, além dos seus aspectos físicos e históricos, os atores sociais e o cenário onde acontece o encontro da força amazônida com a força capitalista e os encadeamentos desse encontro, dando ênfase aos aspectos de resistência do modo de vida amazônida frente às investidas da força capitalista.

No segundo, descrevo a dinâmica cotidiana dos moradores na espacialidade. O modo em que se mobilizam e ocupam os espaços constituindo suas territorialidades, enfatizando as implicações da força amazônida em suas maneiras de perceber e vivenciar seus lugares, resistindo a força capitalista.

No terceiro capítulo, o foco recairá sobre a socialidade dos moradores, trazendo à tona os atos de resistência observados em seu cotidiano constituídos em seu modo vida. Isso consiste em apresentar o horizonte existencial ampliado pelas relações dos moradores e seus afetos, como também neste capítulo serão descritos alguns momentos do cotidiano dos moradores em seu ambiente doméstico e de pesca, assim como as habilidades e a fluidez com que constroem seu modo de vida. Esse capítulo se encerra com a descrição de um evento em que é produzida a dissolução da mercancia na socialidade.

As considerações finais trazem algumas reflexões da trajetória da pesquisa e do que ela pode sugerir sobre a vida na Amazônia.

CAPÍTULO 1

1.1 Contextualizando o bairro e cenário da resistência

O bairro Pérola do Maicá, imerso na vastidão amazônica brasileira, é cercado pelas águas do Lago do Maicá e pelas multiplicidades urbanizadoras periféricas da zona leste do município de Santarém, no estado do Pará. Podemos acessar essa comunidade por vias terrestres e fluviais. Por terra, o acesso se faz pela margem esquerda da PA-370 Santarém/Curuá-Uma indicado na (Figura 1), como é mais conhecida pelos moradores desta região. Por via fluvial pode-se chegar ao bairro pelo pelos rios Amazonas e Tapajós entrando pelo Furo do Maicá (Figura 1). A principal via de acesso é a PA Santarém Curuá-Uma, via que se que inicia no centro urbano da cidade e segue em direção ao Planalto Santareno. Neste sentido, por volta do km cinco chega-se à Rua Cristóvão Colombo, uma das vicinais que dá acesso à comunidade pesquisada. Ao seguir em direção ao Lago do Maicá, essa rua cruza com a Avenida Santarém, outra via que também permite acesso ao bairro. Para fazermos uma descrição do bairro, considerando suas características urbanas, tomaremos como ponto de partida a intersecção dessas duas vicinais (Rua Cristóvão Colombo e Avenida Santarém) que se apresentam em dois eixos que se cruzam e dividem os quatro bairros nesta área periférica do Município.

Figura 1. Localização e Vias de acesso ao Bairro Pérola do Maicá



Fonte: Google maps; setas e legendas do autor

Nesse cruzamento há ainda a presença preponderante do verde das matas secundárias, como também a presença de pequenos animais silvestres (varias espécies de macacos e de aves, cutias, porcos espinhos e outros) que estão a compor a paisagem e fazem parte do cotidiano de alguns moradores desta área. Deste ponto, seguindo na Cristóvão Colombo em direção ao Lago, encontram-se poucas residências, algumas delas sendo de agricultores familiares. Embora haja predominância das matas nessa área do bairro, os lotes estão visivelmente demarcados por muros em alvenaria ou por cercas de madeiras e arame farpado. Entre os lotes do padrão imobiliário dez metros por trinta, existem ainda, alguns com dimensões bastante extensas, ocupados por balneários particulares ou sem nenhuma ocupação antrópica.

Dentre as ruas que foram formadas neste processo de urbanização, temos a Avenida Maicá, rua considerada pelos moradores como a principal via do bairro pois, além de concentrar as principais instituições sociais (Escola, Centro comunitário do Bairro, igrejas, barracões de entidades coletivas, comércios e outros etc.), há uma serie de aspectos que comprovam tal status, os quais serão descritos adiante. Essa avenida se estende de um limite a outro do bairro e vai sendo atravessada por inúmeras ruas até chegar às margens do Lago, lugar onde a comunidade cotidianamente, no período da enchente amazônica, utiliza como porto fluvial. Esse lugar de encontro da rua com o lago, caracteristicamente um ambiente de várzea, comporta uma ecologia complexa e diversificada aonde os moradores cotidianamente conduzem suas atividades econômicas e de lazer (Figura 2). Este local é utilizado pelos moradores como espaço público, sendo um dos principais pontos de encontro e servindo para as mais diversas atividades da comunidade. Uma das principais atividades que se beneficiam deste local é a pesca. Dali os pescadores vão e veem de suas pescarias, e também aproveitam para cuidar de seus equipamentos de pesca, sendo um deles, os reparos em suas canoas. Nos fluxos cotidianos dos pescadores neste porto, eles ancoram suas canoas e comercializam suas produções pesqueiras. Neste momento, eles trocam conversas importantes sobre como e onde pode ser feita a melhor pescaria no Lago como também se divertem com conversas nos modos burlescos e alegres. Neste ambiente acontecem também os fluxos de saída e chegada para as comunidades vizinhas, via Lago.

Figura 2. Mãe cuidando do momento de lazer dos filhos



Fonte: foto do autor 17 mar 2021

Ao avançar em direção ao Lago, o processo de urbanização deixa transparecer o embate entre a força amazônida e a força capitalista, cujo esforço de sobreposição resistem, pois o bairro, em sua porção que margeia o Lago do Maicá, configura-se numa paisagem de várzea que com seus ciclos dão o ritmo à vida dos moradores.

Esse avanço urbanístico conduzido pela força capitalista em direção ao Lago faz com que o bairro apresente uma imagem contrastante. Em algumas das ruas nas margens do Lago, podemos ver, próxima a um prédio de uma fábrica funcionando plenamente, a moradia de um pescador e seu cotidiano amazônida. Em quase toda sua extensão que margeia o Lago, o bairro é ocupado por algumas famílias que moram em casas tipo palafitas, umas utilizadas por vaqueiros e seus familiares, outras por famílias que trabalham em atividades que variam entre pequenas criações de animais e o plantio de hortaliças. Nesta zona de várzea do bairro, podemos encontrar, ainda, casas que são utilizadas temporariamente por famílias ribeirinhas que se deslocam de suas residências em comunidades vizinhas. Muitas das vezes, esses deslocamentos são motivados por cheias dos rios da região. Mesmo para estadas temporárias, algumas dessas casas são construídas de forma mista, alvenaria e madeira. Constam ainda, nestas áreas, casas de alvenaria, que são sedes de algumas fazendas, as quais fazem parte das atividades pecuárias de pequena e média escala dentro do bairro; ainda nesta área limítrofica

do bairro, encontram-se pequenas chácaras que geralmente são propriedades de pessoas de outros bairros que as utilizam para lazer nos finais de semana.

Saindo das margens do Lago, podemos encontrar uma área bastante urbanizada com uma maior quantidade de residências e onde nota-se o incremento do comércio de produtos alimentícios como pequenas padarias e mini boxes, de pequenas lojas de material de construção e o aparecimento recente de pequenas fábricas de móveis e de gelo. Ainda na esteira desse avanço da força capitalista, constata-se a forte presença do mercado imobiliário sobre o bairro, que, em toda sua extensão, apresenta um importante número de imóveis a venda. Vemos também, sendo estas umas das formas de atuação do mercado imobiliário em crescimento, a construção de imóveis para locação, dentre eles as quitinetes. O Bairro Pérola do Maricá, em diversos lugres, apresenta ainda algumas quadras ou quarteirões não ocupados por residências. Nelas se observa o mato que serve para que alguns moradores os utilizem como pasto para seus animais (bovinos, bubalinos, equinos e suínos, entre outros). Nas quadras já ocupadas, há inúmeras casas de madeira, algumas cobertas de palha com aspectos semelhantes às casas das comunidades ribeirinhas (ver imagem 3), e outras em alvenaria, umas avarandadas, outras construídas com mais de um piso apresentando escalas, dimensões e estilos de modelos arquitetônicos urbanos contemporâneos.

Figura 3. Tipo de casa das comunidades ribeirinhas



Fonte: foto do autor 16 out 2021

1.2 Os moradores do Bairro e a construção da pesquisa

O Pérola do Maicá é um bairro atualmente habitado por cerca de 1.638 moradores. Esta população não homogênea constitui-se de moradores de variadas origens sociais e étnicas, oriunda de diversos lugares. Entre eles estão os povos tradicionais, como quilombolas, ribeirinhos e pescadores artesanais, e ainda, uma diversidade de moradores que não declaram pertencimento aos coletivos de povos tradicionais.

Na história, como aponta Sarmiento (2019, pag. 54), o Pérola do Maicá passa a se constituir com os processos de deslocamento de famílias quilombolas nos fins da década de 1980, que vieram de suas comunidades para morar em Santarém. Face ao fenômeno das terras caídas. Nesse evento, famílias da comunidade do Arapemã chegaram à região do bairro e se instalaram. Em seu estudo, essa autora relata que estas famílias fundaram a Associação de moradores Remanescente de Quilombo do Arapemã residentes no Maicá (AMRQARM) para que lutassem judicialmente contra a empresa Grannel Amazonas Ltda. em prol do reconhecimento territorial das terras do bairro para as famílias remanescentes do Arapemã (idem). Para firmar historicamente a formação do bairro e suas implicações com os povos tradicionais, em relação aos remanescentes que vieram do Arapemã e se instalaram no bairro, a mesma autora afirma:

A origem destas famílias é demonstrada pelo nascimento na comunidade de Arapemã, inicialmente e o compartilhamento de uma história comum ligada à escravidão é o critério que respeita a sua afirmação de identidade quilombola. Estas famílias são advindas de um passado colonial formado de famílias de ex-escravos. Em Arapemã, duas famílias são citadas como as principais do sítio: Rodrigues e Vasconcelos. Estes são os principais grupos familiares que constituem o sítio. A primeira família a chegar foi a família Rodrigues, fugida do rio Curuatinga e são os responsáveis pelos atos de desbravamento nos rios, igarapés, mananciais e paranás até chegarem à ilha do rio Amazonas. (Sarmiento, 2019, pag. 55)

Estes elementos históricos indicam que, além do bairro estar marcado em sua origem pela presença de populações tradicionais integradas com a vida amazônica, traz também elementos de lutas e resistência desde o momento de sua formação comunitária. Essas lutas reverberam nas décadas seguintes, mesmo com a chegada de novos moradores, que se juntam para reivindicarem demandas sociais e ambientais frente ao poder público e contra as forças capitalistas representadas por grandes empresas privadas, como a Embraps – que conheceremos logo a seguir.

Atualmente, o bairro ainda apresenta uma importante gama de moradores, que conjugam suas origens étnicas. Notadamente, há um grande número de moradores vindos de comunidades vizinhas, tanto das áreas de várzea como de terra firme ou do planalto do município. Mesmo os moradores que não são originados diretamente dessas comunidades têm forte relação e vínculos de parentesco com as mesmas. Nessa dinâmica demográfica no bairro, um importante número de pessoas, que vieram destas comunidades, passaram a pertencer aos coletivos de comunidades tradicionais que fazem parte do bairro, tais como quilombolas, ribeirinhos e pescadores artesanais. Ainda dando vista ao conjunto amplo da população do bairro, encontram-se alguns moradores de origem citadina que migraram de outros bairros da cidade e de outras regiões do país.

O cotidiano dos moradores, em geral, se preenche com atividades profissionais diversas que lhes dão sustentação econômica. Umas estão diretamente ligadas à pesca no lago e ao extrativismo nas florestas que cercam o bairro (coleta de frutas e ervas). Há ainda em alguns lugares no bairro os moradores praticando a agricultura familiar e dedicando-se à criação de animais, atividades estas que fazem parte, de maneira importante, da vida econômica da comunidade. Além destas atividades, que apresentam traços importantes da força amazônica, os moradores se dedicam também a outras, realizadas principalmente no ambiente urbano da comunidade e que estão sob os moldes mercadológicos da força capitalista, onde se destacam a atividade do comércio, da construção civil e do entretenimento (vaquejadas e festas dançantes). Além dessas, esses moradores exercem atividades profissionais de forma mais abrangente, fora do ambiente do bairro, seja na cidade ou na área metropolitana do Município de Santarém e alhures. As atividades exógenas são bastante diversas e criam amplas redes de relações com a sociedade englobante.

Diante dessas dinâmicas do cotidiano dos moradores do bairro, é imprescindível citar, para efeito construtivo da pesquisa, que, ainda que as categorias indenitárias diferenciem esses coletivos (quilombolas, pescadores artesanais, ribeirinhos, ou pessoas não identificadas a nenhum desses coletivos), no que diz respeito ao modo de vida, há muito mais conexões e proximidades do que diferenças – sem negligenciar que há sim particularidades a cada um desses coletivos. De um modo ou de outro, estamos diante de modos de existência amazônica, e essa convergência é central para este trabalho.

A partir do enunciado acima, a identificação dos moradores que serão enfatizados neste trabalho, não será explicitada textualmente no decorrer das exposições etnográficas que seguirão. Contudo, as falas, as descrições e os demais desdobramentos do trabalho estão

relacionados a esses moradores. Ainda no que tange a identificação, alguns interlocutores optaram por não terem seus nomes citados integralmente, outros não fizeram objeções quanto a isso. Por conseguinte, neste quesito metodológico para a construção da pesquisa, algumas falas serão identificadas apenas com as iniciais de seus nomes e suas respectivas idades, isso após acordo com cada um dos interlocutores. Essas iniciais, em alguns casos, serão precedidas com pronomes de tratamento condizentes as maneiras com que esses interlocutores são tratados na comunidade.

Para a construção da pesquisa é importante salientar essa questão em que alguns dos interlocutores firmaram um acordo de não terem suas identidades reveladas, pois isto entra nos conflitos de interesses que é um aspecto social que será discutido nos capítulos seguintes. Segundo um dos interlocutores, ao justificar em manter calada sua identidade, o mesmo diz que isso é pra evitar que sua declaração não crie alguma discórdia na comunidade. Deste modo a pesquisa considerou os acordos que foram sendo efetuados durante as abordagens etnográficas.

Assim sendo, estarei a expor aqui, acontecimentos singulares de resistência no cotidiano de um grupo de moradores do Bairro Pérola do Maicá, no Município de Santarém Pará, que são os que não se identificam como povos tradicionais, mas cuja vida cotidiana igualmente se caracteriza por uma resistência ativa às forças do capitalismo. Ou seja, esses moradores em sua grande maioria, embora não estejam declaradamente em combate por meios políticos e institucionais reivindicatórios de resistência, deixam transparecer no seu cotidiano inúmeros aspectos de resistência a essa força hegemônica, num cenário amazônico marcado por lutas entre a força amazônica e seus modos de vida, frente à força capitalista. Para verificar essa resistência, procurei observar os fluxos da vida cotidiana desses moradores: em suas atividades corriqueiras; em falas cotidianas, onde os moradores compartilham suas experiências; nos movimentos de corpos humanos e não humanos e seus encontros no lago, nas ruas, nos campos, nas casas, nos centros comunitários e afins. Deste modo, foram nestes lugares e nestes atos onde procurei observar e compreender como esses moradores, atravessados pela força amazônica, se agenciam cotidianamente, produzindo resistências a força do capitalismo. Resistências estas que acontecem ao se mobilizarem e ocuparem os espaços, produzindo uma socialidade particular num ambiente heterogêneo e socioeconomicamente complexo.

1.3 O Cenário, a resistência

Para entender esse cenário em um contexto mais amplo, que inclui o grupo foco da pesquisa, faremos uma breve descrição geral, demonstrando elementos sociológicos importantes na estrutura da comunidade, remetendo-os as macro-questões de resistência dos moradores às forças capitalistas.

Além das atividades estritamente ligadas ao campo econômico, em que os moradores estão envolvidos no seu cotidiano, notadamente, pode-se constatar, no campo social e político, moradores ligados às atividades de movimentos coletivos organizados em prol da defesa do direito de preservar seus modos de vida e da integridade do lugar onde vivem.

O embate que se dá entre as forças desses movimentos políticos organizados *versus* as forças de investimento do capitalismo globalizado, que atravessam sobremaneira a vida do bairro, provocando um certo antagonismo no jogo de interesses entre os moradores. Isto ocorre, substancialmente, pela diversidade social criada no intenso processo de urbanização que a comunidade está passando nos últimos anos, que, conseqüentemente, trouxe os mais variados elementos do mercado capitalista, criando conflitos de interesses entre os moradores. Fica evidente nessa luta, o protagonismo dos coletivos de quilombolas, ribeirinhos, pescadores artesanais e outras entidades organizadas contra a força capitalista. Pois, em determinados momentos, esse conflito requer amplos dispositivos políticos, que só são alcançados por esses grupos organizados e suas ações. Na prática, esses coletivos estão conseguindo barrar diversas ameaças aos seus modos de vida.

Uma das principais ameaças à comunidade do Pérola do Maicá nos últimos anos é, sem dúvidas, o projeto de construção de um mega empreendimento portuário que pretende um vultuoso escoamento de grãos produzidos no Brasil para o exterior. Este empreendimento afetará com efeitos negativos a vida do bairro em todas as suas dimensões, como aparece na fala do Sr. Antonio, pescador da comunidade: “... isso vai acabar com tudo aqui, os meus filhos e os meus netos não terão mais lago, não saberão o que é pescar no Lago...” A realização desse empreendimento portuário da Embraps, como relatado acima, está acarretando danos às vidas deste lugar, pois que os tramites administrativos e judiciais para sua possível construção já vêm se arrastando por bastante tempo, o que tem gerado diversos problemas no cotidiano da comunidade. Com os limites da propriedade privada da empresa,

demarcados com placas (ver Figura 4), os moradores são impedidos de circular livremente pelo lago, restringindo sua atividade de pesca e, não raro, gerando conflitos com a empresa.

Figura 4. Placa demarcatória



Fonte: <https://terradedireitos.org.br/casos-emblematicos/portos-do-maica/15788> Data: 05/05/2017

Outro problema que esse empreendimento tem criado na comunidade diz respeito aos modos como os moradores produzem suas relações, tanto sociais quanto econômicas, pois esta ameaça implica nas percepções das pessoas e como elas traçam seus interesses e perspectivas, e causa ambiguidades, levando-as ao dilema de ou aceitar esse empreendimento como meio de desenvolvimento pra comunidade, ou resistir, persistindo com o modo de vida amazônida. Esse quadro problemático causa distorções nas relações entre as pessoas do bairro que rompem alguns sentidos de coletividade.

Inevitável se torna a partir daqui, identificar objetivamente a força capitalista e a maneira como ela atua na vida das pessoas e no espaço do bairro. E isso se dá em cada momento do cotidiano da comunidade em que essa força busca, incessantemente, alterar, sobrepor-se, sobrecodificar, destruir, dizimar e introduzir axiomáticas aos ritmos e as composições da vida amazônida, que resiste a essas investidas. Objetivamente, pode ser constatado o avanço em grande escala dessa força a partir de mega investimentos que visam a construção do porto graneleiro da Embraps. Essa empresa do setor privado foi fundada em no ano de 2012 com o propósito específico de construir e administrar o terminal portuário de uso privado no bairro Área Verde, mas que atingirá uma ampla e complexa área do Lago do Maicá, impactando vários bairros e comunidades tradicionais, incluindo o Bairro Pérola do Maicá.

A atuação da Embraps é um exemplo crasso da força capitalista se sobrepondo às vidas desse lugar. A elaboração desse projeto portuário foi feita a partir de interesses e modelos

tecnológicos exógenos aos modos existenciais dessa pequena porção amazônica, e que, sob administração dessa empresa, tem em sua projeção elementos de execução da obra que já estão a se impor e se sobrepor sobre o ambiente e os modos de vida dos moradores (demarcação de área de construção com placas como já citado acima), e cuja projeção digital apresentada pela empresa tem um efeito assustador na opinião de vários moradores.

Essa imagem (figura 5), que é o esquema representativo do porto que está em processo de execução na Grande área do Maicá, é uma amostra de como a força capitalista globalizante, com seus modelos tecnológicos que chegam se impondo e se sobrepondo aos lugares e às vidas existentes nesse espaço. A violência desses procedimentos invasivos pode ser sentida na fala do Sr. J. S. (67 anos): “... eu tô há anos remando nesse lago e nunca me impediram. Agora, tem essas placas dizendo pra não passar pra lá, pra li, logo onde eu sei que consigo um bom peixe. Ah! Isso não pode acontecer. Precisamos do lago, de onde tiro o meu sustento...”

Figura 5. Projeção digital do Porto da EMBRAPs



Fonte: <http://embraps.com/>

Para termos ideia das dimensões técnicas quantificáveis desse porto, em conformidade com o projeto base da Embraps, a caracterização geral desse empreendimento se apresenta nas seguintes condições.

O terminal foi projetado para operar graneis sólidos de origem vegetal (soja e milho), e se localizará no bairro Área Verde em espaço, que segundo o Plano Diretor do Município de Santarém, está destinado à Área Portuária II. Conforme a Embraps, o plano de construção do

porto se dará em duas fases: primeiramente será construído no Terminal dois armazéns graneleiros. A fase subsequente irá duplicar a capacidade de armazenagem com a construção de mais dois armazéns. Toda a complexidade dessa obra ocupará uma área construída de 279.340 m².

Estes termos, quando relacionados ao EIA/RIMA que foi produzido por uma equipe da FADESP/UFPA convocada pela Embraps para fazer os levantamentos dos impactos ambientais necessários para o licenciamento ambiental da obra do porto, elencam subsídios incoerentes, segundo o Relatório Técnico da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, que tem como base o Termo de Referência emitido pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pará (SEMAS). Dentre os inúmeros elementos incoerentes que esse Relatório Técnico aponta, aqui ressaltaremos dois deles que recaem sobre as questões socioeconômicas e evidenciam as distorções que esse empreendimento provocará: i) a não adoção da Bacia Hidrográfica como recorte de análise conforme preconiza a Resolução CONAMA (nº 01/86, segundo esta resolução em seu Artigo 5º, Inciso III); ii) o EIA não apresenta o histórico do uso da área e há ausência de dados sobre como se deu a aquisição da mesma pelo empreendedor (UFOPA, 2018, pag. 9 e 10).

Essas incoerências apontadas acima denotam como a força capitalista avança sobre os territórios se apropriando e causando danos aos modos de vida desse lugar. Pois, como citado nesse mesmo relatório (UFOPA, 2018, pag. 9 e 10), a propriedade da área é originada de um grande latifúndio pertencente a uma família portuguesa, mas que há décadas é habitado por moradores que reivindicam sua regulamentação fundiária junto à prefeitura, o que sempre lhes foi negado; e subitamente a mesma área é abarcada pela Embraps para construção de seu empreendimento portuário.

Sobre essa questão fundiária, alguns interlocutores evitam lançar comentários sobre a quem pertenceu essa grande Área do Maicá. Ao buscar informações sobre isso na comunidade, ouvi relatos em que essas terras pertenciam a diversas famílias, como a família Mileu, a família Corrêa e outras; no entanto, sem uma investigação aprofundada (o que não foi possível realizar nesta pesquisa) é difícil saber com precisão a quem de fato pertencia esse latifúndio. Alguns interlocutores esboçam especulações sobre o assunto, mas evitam aprofundar a conversa, enfatizando apenas que o terreno que conseguiram no bairro foi de “negócio bem feito”, e desviam a conversa.

Além dessas questões fundiárias, verificar-se que a comunidade do bairro vivencia outras determinações importantes da força capitalista, no que tange ao que vem aplicando em

suas axiomáticas, e que opera efetivamente através de suas tecnologias de dominação territorial, sejam nas áreas de engenharia, na mídia e outras. E, concomitantemente, passa a empreender capturas no campo social, a partir de efetuações profícuas e rápidas que produzem uma imagem sedutora de crescimento e desenvolvimento na comunidade. Isso pode ser percebido em alguns momentos em que alguns moradores do bairro traçam conversas sobre a construção do porto graneleiro da Embraps a partir da oferta de emprego e renda ou pela melhoria da infra-estrutura do bairro, as quais trariam rápido crescimento econômico. Contudo, essas determinações e suas velocidades, ao ingressarem nas territorialidades dessa comunidade amazônida, mesmo que sejam através de corriqueiras conversas no cotidiano, criam desequilíbrios e importantes, que destoam da socialidade e dos ritmos que constituem a existência tanto das pessoas quanto do lugar. É esse conjunto de questões que o presente trabalho visa abordar.

CAPÍTULO 2

2.1 Os modos resistentes de ocuparem e se mobilizarem nos espaços

Como já salientado nas linhas do primeiro capítulo deste trabalho, a ocupação do espaço onde atualmente se encontra o Bairro Pérola do Maicá se deu historicamente a partir da chegada primeiro dos quilombolas e depois ribeirinhos. Deste modo, os *agenciamentos* territoriais desses primeiros moradores produziram os principais índices da força amazônida que se manifesta hoje no modo de vida desse lugar.

Para iniciar as descrições de como acontecem os agenciamentos dos moradores nos espaços deste lugar, dentro de uma perspectiva etnográfica, tomo um ato que cotidianamente é realizado pelo Sr. Pedro (68 anos). Ele é um pescador que há muitos anos se desloca para pescar no Lago do Maicá, e esse seu ato cotidiano permite compreender essa territorialidade amazônida que acontece nos espaços do bairro, e que constitui seu modo de vida.

Em um dos meus momentos de caminhada pela comunidade, tive num encontro casual com o Sr. Pedro. Precisamente na Rua Cristóvão Colombo, próximo ao cruzamento com a Avenida Santarém, lá ia esse pescador subindo a ladeira, com passos serenos e cuidadosos, pois fazia essa caminhada com os pés descalços (Este modo, do Seu Pedro caminhar descalço, presenciei outras vezes quando ele passava em frente minha morada no campo de pesquisa). Naquela ocasião, o abordei e comecei a ter uma conversa com ele. Depois de trocar saudações, ele me diz: “Essas pedras não dormem” fazendo referência à pavimentação da rua Cristóvão Colombo (feito pela Prefeitura de Santarém), que era cheia de pedras ligeiramente pontiagudas, e causavam incomodo em seus pés. Nessa conversa ele me relata que pesca quase que diariamente no Lago, saindo de casa pela manhã, voltando “à tardinha”. Diz ainda que anda “montão de pisadas” do lago até sua casa e vice versa. Antes, relata seu Pedro, “fazia essa andança por outros caminhos.” Ele cita que existia uma estrada que hoje esta coberta pelo mato, por onde ele chegou a caminhar para “a beira do Lago e ir pescar”.

Essa estrada foi citada por outro morador que afirmou ainda existir marcas dela numa grande mata que fica dentro da propriedade do “Dr. Ribeiro”, já no Bairro do Jutai. Os moradores, ao citarem os lugares por onde essa estrada passava em direção ao lago com suas

curvas, evidenciam que a mesma fazia um percurso transversal ao esquema atual das ruas do bairro Pérola do Maicá, que com suas linhas retas vão em direção ao Lago.

Como podemos notar nos relatos desses moradores, o contraste paisagístico entre o esquema atual, que tem suas ruas seguindo linhas retas, e os “caminhos” sinuosos de outrora e como também os “caminhos” contemporâneos que são produzidos no cotidiano dos moradores dentro da estrutura urbanizada, como já salientado, demonstra que o modo de orientação que os moradores se servem, para se mobilizarem nos espaços, abarcam alguns conhecimentos da força amazonida. E isso pode ser corroborado pelo relato do seu R.S., disse ele

“Quando eu muitas vezes ia daqui de casa para o frigorífico lá no Urumanduba, ia por caminhos que o pessoal antigamente já usava. Atravessava mato, campo até chegar lá. Maioria das vezes eu ia de bicicleta. Esses caminhos o pessoal usava muito, mesmo nos tempos atrás, e levava para muitos lugares, *por aí pelas beiras do Lago.*”

Mesmo com essas sobreposições advindas com a chegada da urbanização promovidas pela força capitalista nas territorialidades dos moradores desse lugar, está a presença de moradores como Seu Pedro, com seu modo de viver atualizando a força amazônica como modo de resistência aos elementos de sobrecodificação de seu território promovidos pelos processos de urbanização. É esse embate e seus desdobramentos em que os moradores estão implicados, que serão discutidos neste primeiro capítulo.

Agora, antes de darmos continuidade à descrição esquemática da sobrecodificação e sobreposição urbanística que neste ambiente se realiza, vamos identificar minimamente essa territorialidade acima delineada, como ela acontecia, e como está sendo sobreposta espacialmente. Os moradores relatam que, antes do surgimento das ruas e quadras, eles faziam caminhos com outros traçados dentro das matas, que até algumas décadas atrás ocupavam grande parte do bairro - isso por volta do ano 2000. Assim, dependendo das várias demandas cotidianas (deslocamento para o trabalho de pesca e outras atividades no povoado ou exógenos a ele) os moradores iam, no passar dos anos, desenhando essas passagens no meio mata. Muitas dessas passagens levavam para lago e para os igarapés existentes nos arredores, bem como outras para a rodovia PA 370. Ainda segundo eles, estes caminhos “pavimentados” pelo pisar cotidiano da população, como expresso inicialmente, não seguiam um padrão reto das ruas atuais. Abrir um caminho na terra, caminhando pela terra, implica interagir com cada elemento da paisagem, seja eles humanos ou não humanos. A sinuosidade desses caminhos refletia as relações das pessoas com o lugar e com as outras pessoas que habitam o bairro. Hoje, com a urbanização, nos comentários dos informantes, os desvios são

feitos por outros impedimentos, que trouxeram alguns conflitos, pois onde costumava se fazer uma passagem ou caminho, há os quarteirões com suas casas – “mas que às vezes agente arranja um jeito de atravessar do nosso jeito” na fala de um morador.

Dando continuidade à descrição, a partir dos meios urbanizadores que são implementados através do Plano Diretor do Município de Santarém, enfatizando o contraste anteriormente citado, reproduziremos descritivamente os arredores urbanísticos do Pérola do Maicá, na paisagem desta região, no que é imprescindível para sobrecodificação instrumental, isto é, as formatações orientadas pela lógica cartesiana. Assim, visto por essa ótica, o cruzamento das ruas Cristóvão Colombo e Avenida Santarém (Figura. 6) espelham uma configuração análoga aos quadrantes cartesianos, os quais representam os bairros, produzido desta forma o seguinte plano: o Bairro Pérola do Maicá ocupa o quadrante I, o bairro Área Verde o quadrante II, o Bairro do Maicá I o quadrante III e o Bairro do Jutai ocupando o quadrante IV visualizado na Figura 6.

Figura 6. Interseção entre as vias Cristóvão Colombo e Santarém e a analogia aos quadrantes cartesianos



Fonte: Google Map-setas e legendas do autor

Podemos aqui pontuar que essa divisão recente destes bairros foi instituída pelo Art. 111 da lei municipal nº. 18.051/06 (Plano Diretor do Município de Santarém), que torna circunscrita essa região dentro da zona urbana, possibilitando a demarcação de lotes e

abertura de ruas. Nesse processo, ocorreram intervenções radicais no ambiente, como desmatamento e movimentação do solo e incremento rápido do mercado imobiliário para a venda de lotes pelos proprietários de áreas dentro do bairro. Em uma conversa informal, um morador que acompanhou tal processo nos relatou que “...de repente apareceram os donos desses matagais. Rapidamente eles loteavam e vendiam os terrenos. Uns eram do doutor tal, outros do empresário fulano... como eles conseguiram esses montes de terra é que difícil de entender...”. Dentro desse esquema urbano no povoado Pérola do Maicá, entre as diversas aferições feitas pelo mercado imobiliário capitalista, desponta o padrão de terrenos medindo 10x30m, uma medida de conversão da terra em mercadoria, que é venal e implica em especulações potencializadas pelo mercado imobiliário nesse processo urbanístico (Polanyi, 1980 *apud* Little, 2002). Isso se deu com muita intensidade no período de formação dessa área como bairro em 2006, continuando de forma relativamente menos intensa nos dias de hoje.

Torna-se interessante frisar, o que foi observado tanto em loco como em pesquisa bibliográfica (PDMS, 2006), as prerrogativas legais do Plano Diretor do Município de Santarém exigem que na zona urbana do município, o solo seja utilizado nas formas de parcelamento e edificação, nos prazos determinados pelo plano diretor do município sob pena de serem desapropriados os imóveis que não estejam nesses enquadramentos legais. Na prática, isso estimula que esta área seja tomada por edificações e infraestruturas urbanísticas o mais rápido possível, desconsiderando todas as peculiaridades ecológicas deste lugar que se encontra nas margens do Lago Maicá. Este modelo jurídico adotado pelo plano diretor e pressionado pelo mercado imobiliário (a força de Estado aliada à força capitalista), abre prerrogativas para que este ambiente com especificidades ecológicas singulares seja urbanizado, incentivando ainda o avanço do mercado imobiliário e suas conflituosas formas de transformar a terra em mercadoria.

Essa configuração urbanizadora, atualmente, determina e de certa forma impõe condicionamentos nos modos de ocupação e mobilidade no interior do bairro, sobrepondo a maneira como o território era antes vivido pelos moradores. Conforme relatos do Sr. R.S., “as frestas que a gente andava eram de outra maneira. Onde era um grande matagal com muitos caminhos, uns caminhos a gente chegava ao lago; outros para a beira da estrada e tinha aquele que eu ia pro vizinho. Hoje tem ruas e quadras onde era mato, muito mato...” . Nessa fala, temos ideia dos aspectos materiais resultantes dos condicionamentos impostos por esse modelo urbano interferindo nas territorialidades dos moradores, pois as quadras, as ruas que foram sobrepostas nos caminhos desenhados pelo cotidiano não fez desaparecer apenas a

materialidade, como impôs transformações a algo muito caro para alguns moradores: seus modos de viver criados na imanência desse lugar.

As linhas retas que resultam desta forma de urbanização, são resultantes de representações e esquemas desenhados em salas do poder público municipal, à revelia dos modos de vida existentes nos lugares da comunidade. Gow, (1995, 01) já nos dava ideia de como eram desenhados esses esquemas pois “Ao olhar para uma paisagem desmatada na Amazônia, estamos olhando para um ambiente visual construído a partir de mapas, e para um simulacro de um ambiente temperado do Norte. Muito da colonização recente da Amazônia tem procedido ao longo de estradas, que são elas mesmas produto das linhas desenhadas através dos espaços vazios nos mapas”. Linhas retas sobrepostas em territorialidades vividas que já traçaram caminhos, picadas, passagens de cortar caminhos e outras vias, criadas na mobilidade e no cotidiano, do ir e vir da pesca, do banho no Lago. Essas linhas traçadas pelo cotidiano, aparecem compostas por curvas que em alguns lugares desviam necessariamente daquelas árvores frondosas, e vai sendo pavimentada no contato das pisadas deste modo de vida que resiste.

Sob essas determinações urbanísticas, os parcelamentos do espaço e as aberturas de ruas transformaram radicalmente a paisagem, incidindo numa série de mudanças nos modos de territorialização. Todavia, essas mudanças fazem surgir no cotidiano dessa comunidade amazônica os atos de resistência, que são facilmente observados. Vemos, por exemplo, os moradores traçando caminhos transversais sinuosos, que atravessam de uma rua para outra pelas quadras ainda não ocupadas por moradias. Resistência flagrante, pois o traçado das ruas, com suas linhas retas, não dá conta de um modo de vida que insiste em existir sem precisar delas.

Esse modo de compor lugares e caminhos desviantes das ruas retas me foi apresentado num momento em que, ao sair do porto dos pescadores, eu caminhava pela Avenida Maicá acompanhando um pescador que acabara de chegar do lago, escutando seus comentários sobre como estava a pesca. Nessa conversa descontraída, seguíamos essa rua principal do Bairro quando, subitamente, o pescador encerrou a conversa com um “até” e falou que cortaria o caminho pra chegar mais rápido em sua casa, saindo da rua por um caminho que atravessava o quarteirão por um terreno desocupado.

As representações dessa engenharia urbanística com seu desenho dos quarteirões são sobrepostos em lugares outrora de uso comum para os afazeres cotidianos dos moradores,

como: pequenos portos de saída e chegada das pescarias, ou lugares para aprazíveis momentos de lazer dos moradores do bairro.

Nessa sobreposição urbanizadora, que passou a coexistir com os modos de vida integrados a terra, surgem outros modos de experimentar e se apropriar diante das transformações dessa paisagem. Novos arranjos são criados para que sejam assimiladas as sobreposições urbanísticas que vão surgindo.

Os efeitos desses arranjos operam uma multiplicidade de conexões em um campo social diverso, criando novos lugares de encontro (*beira do igarapé, onde a rua que abriram passa perto*). E, novos encontros entre os moradores, a partir das transformações paisagísticas que acontecem pelas sobrecodificações onde promovem *agenciamentos* de novas relações de amizade e de vizinhança. Como a que presenciei quando estava em um estabelecimento comercial e ouvi uma moradora reclamando, de maneira “descontraída”, de outro morador que há tempo não passava pelo caminho desviante traçado ao lado de sua casa: “... nunca mais tu passou pelo rego lá do lado de casa para conversar e tomar aquele café com a gente...”.

Resistindo a esse processo de urbanização, moradores antigos e novos ocupam áreas em processos espontâneos, ora individualmente ora através de grupos pré-organizados; áreas de mata ainda sem ocupação pelo mercado imobiliário., caracterizadas como capoeiras ou matas com resquícios da vegetação primária, as quais ainda são encontradas na paisagem do bairro. Esse tipo de ocupação que se pressupõe não pertencer ao mercado imobiliário eclode um momento e outro e são realizadas tanto em áreas particulares quanto em áreas de preservação (APA – MAICÁ). Essas ocupações geram inúmeros conflitos territoriais. Conversando com alguns moradores sobre o assunto, disseram eles que a maioria dos “... invasores tiram terrenos pra vender logo depois. Não invadem para morarem na terra, invadem por ganancia...”. Esses modos de ocupação passaram a acontecer já nesse processo urbano que sobrecodifica as relações socioeconômicas dos moradores ao ocuparem os espaços, que outrora não eram realizados desse modo, conforme ouvi da D. M. (80 anos), moradora do Bairro Pérola do Maicá. “Quando a gente ia repartir a terra, era visto a necessidade da família. Se a família tinha já outras famílias, quer dizer, se as filhas e os filhos do casal mais velho, já tinham família, a terra pra eles era maior”.

Nestas formas de ocupação espacial, vemos nitidamente a configuração característica de ocupação territorial dos povos amazônidas (quilombolas, ribeirinhos), em que a área do terreno, geralmente, é partilhada no âmbito das relações de parentesco, compreendendo formas comunais de apropriação dos espaços e dos recursos carregados pela força amazônida,

não havendo a presença das negociações nas formas legitimadoras contratuais de propriedade latifundiária vistas nos modos modernos de ocupação territorial. Ou seja, os elementos que instituem esse modo de ocupação territorial, vista ainda entre os moradores foco desta pesquisa, se diferencia sobremaneira do que se estabelece com o modo moderno e urbanístico que já está hegemonicamente acontecendo no bairro, e que tem como um exemplo marcante os “quitinetes”, com suas formas de aquisição, ocupação e uso funcionando através da relação mercadológica entre locador e o locatário.

A APA acima citada é muito importante neste contexto de resistência dos moradores, pois ela faz parte de seu cotidiano. Localizada na porção noroeste do Bairro Pérola do Maicá, ela serve como uma zona comunal para os moradores, onde são realizadas coletas de diversos frutos e outros produtos florestais nativos.

Em relação aos produtos coletados nessa mata, tive uma experiência que me permitiu constatar a ida desses moradores frequentemente e conforme o tempo propício para se realizar tais coletas. Isso aconteceu quando fiz uma visita a um morador informante F.S. e, no momento em que cheguei à sua casa, ele estava a preparar um vinho de tucumã. No que ele ia tirando a poupa do tucumã para prepara o vinho, indaguei onde tinha conseguido os frutos, e ele relatou:

“Foi da mata que fica logo ali passando a última rua do bairro. Foi de lá, e vou lá sempre, na época de dá o tucumã, eu e meu irmão. O meu irmão gosta mais de apanhar *bacaba* e a gente vai lá. E lá também tiramos tala de naja, para fazer papagaios pra vender; nós tiramos só no tempo de empinar papagaio, tem que ser assim, se não aquilo se acaba...”

O relato desse morador, bem como o que ele me permitiu observar no seu cotidiano doméstico, deixa transparecer nitidamente em seus atos, ao agenciar suas relações com os demais moradores e com a ecologia do lugar, uma resistência cotidiana ao avanço das forças capitalistas, mesmo que atravessado por diversos aparatos propiciados por essas forças.

2.2 A rua principal até o Lago e os modos de resistência

Ao adentrar o bairro seguindo o itinerário que se tornou mais comum em minhas incursões em campo, o qual se inicia pela Avenida Santarém até chegar à Avenida Maicá, rua considerada pelos moradores como a principal via do bairro, pois concentra a grande maioria do comércio e das instituições sociais do bairro que produz um fluxo constante de pessoas,

como já foi descrita na introdução. As demais ruas, como observado durante essas incursões, apresentam pouquíssima presença de comércio, circulação de pessoas e de veículos. Para aumentar o contraste, e mesmo com a sobreposição de uma infraestrutura urbana, com divisões em quarteirões instalação de rede elétrica e de internet, nessas outras ruas pode-se observar a presença de uma paisagem típica de comunidades ribeirinhas, no que diz respeito ao modo como os moradores ocupam e utilizam seus terrenos. Observa-se muitas casas de madeira, sem pintura, e algumas delas cobertas de palha.

Nos quintais, geralmente observa-se a casa principal e uma outra em madeira, algumas cobertas de palha; ora apenas coberta, ora com duas uma ou duas paredes, mas abertas nas outras laterais. Essa segunda casa geralmente é usada para preparar a comida, concertar malhadeiras, guardar os diversos apetrechos de pesca e outras ferramentas que são utilizadas no cotidiano dos moradores. Além destas casas secundárias, em alguns desses quintais do bairro, geralmente encontramos o fogão a lenha. Alguns moradores também utilizam essas casas secundárias para “atarem” as redes em seus momentos de descanso. Ademais, observa-se que esses terrenos ou “quintais” como são nomeados pelos moradores, apresentam geralmente dimensões que fogem aos padrões urbanos de medida atuais que o mercado imobiliário geralmente negocia no bairro (10x30m), superando-os em tamanho.

Nota-se também que os moradores constroem suas casas de modo que fiquem relativamente centralizadas no terreno, mantendo o terreno a seu redor sempre limpo, dando uma impressão que é varrido constantemente durante o dia - dificilmente se vê nesses quintais folhas e outros detritos jogados pelo chão. Nesses quintais também encontram-se algumas árvores frutíferas domesticadas como: açaizeiros, cupuaçuzeiros, bananeiras, abacateiros e mangueiras; algumas casas são rodeadas por jardins com plantas para uso medicinal e outras ornamentais, assim como é comum terem pequenas hortas suspensas ou, como alguns moradores chamam, “canteiro”, geralmente localizados logo atrás a casa principal. Esses canteiros são utilizados na maioria das vezes para o cultivo de plantas de uso culinário. Cabe ainda mencionar a presença de pequenas criações de aves domésticas como galinhas e patos.

Transitando por essas ruas para conversar com algum interlocutor, pude presenciar em vários momentos a passagem de outro morador atravessando um quintal *tocando* o gado. Esse quintal não ocupado por moradores serve como pasto, assim como serve de via de acesso de uma rua a outra. Quando comentava com o interlocutor I. M. (42 anos) sobre o fluxo de pessoas nesse terreno, ele disse que quintais nessas condições sevem para “cortar caminho. Os vizinhos usam muito para passarem de uma a outra, pois ganham tempo pra chegar à

parada de ônibus que fica na outra rua atrás de casa”, e que esse tipo de ato é muito visto no bairro pois há diversos terrenos que estão nessa configuração, sem cercas, sem impedimentos, convenientes para esse tipo de movimento do morador.

Voltando à rua principal (Avenida Maicá), que é um eixo receptor e distribuidor de fluxos de acontecimentos importantes para o cotidiano comunitário, constata-se que em suas margens estão dispostas as principais instituições sociais, culturais e econômicas da comunidade, e o curioso é que elas estão dispostas no território do bairro na seguinte forma. Na Margem direita, indo em direção ao Lago do Maicá, encontramos, além de moradias, as instituições educacionais (EMEF Pérola do Maicá), religiosas (Paróquia de São Miguel Arcanjo, Igreja Assembleia de Deus) e comunitárias (centros comunitários, Associações e outras entidades de Lazer como clubes de futebol da própria comunidade e de entidades oriundas da sociedade abrangente (do Município de Santarém). Na margem esquerda desta rua, por outro lado, concentram-se os comércios no formato de “tabernas” e “mini boxs”, expressamente mercadológicos. Ou seja, na margem direita há preeminência das entidades de cunho comunitário, não ligado diretamente ao comércio, enquanto que os pontos comerciais operam apenas na margem esquerda. Quando perguntei a um morador sobre essa diferença, ele disse que houve já algumas tentativas de se fazer comércio do lado esquerdo da rua, mas não deu certo, e não soube explicar o motivo da ausência de comércio na margem direita da Avenida.

O encontro da Avenida Maicá com o lago forma o porto de uso comunitário indicado na figura 6. O encontro dessa avenida sem pavimentação asfáltica com o Lago do Maicá tem uma dinâmica que obedece aos ciclos da várzea amazônica. No período chuvoso, a avenida literalmente mergulha nas águas turvas do lago, e no período da vazante se encontra com a argila que surge com a saída das águas. Esta variação no ambiente gera maneiras peculiares dos moradores ocuparem e utilizarem esse espaço, propiciado tanto pelo fluxo das águas como pelo fluxo de pessoas, ora como porto fluvial, na cheia do lago, ora como via de passagem para o furo do Rio Maicá, na vazante. São esses dois momentos distintos, condicionados pela ecologia e pela sociologia nesta paisagem, que produzem os diversos agenciamentos entre o modo de vida e as formas axiomatizadoras capitalistas que operam com suas tecnologias exógenas.

A manutenção do porto, no período de cheia, é realizado de maneira coletiva pelos próprios moradores. Em um dado momento observei um manifesto pela preservação desse local (Figura 7). Tal manifesto, organizado por instituições da própria comunidade, era

marcado com a presença de faixas e pequenas placas que chamavam a atenção dos moradores sobre a necessidade da preservação do lugar, com frases como “Mantenha o local limpo”, “Preserve a natureza”, “Respeite o Meio Ambiente. Respeite a Vida.”

Figura 7. Manifesto organizado



Fonte: Foto do autor 22 jun 2022

No porto, o movimento de moradores é mais intenso no momento de cheia do lago, tanto para saída e chegada de pescadores ou de moradores que transitam entre o bairro e as comunidades vizinhas e, que nesses fluxos cotidianos, vão compondo um modo de vida impulsionado pela força amazônida. Os momentos de chegada ou partida são sempre marcados por saudações dos moradores, pois geralmente são parentes ou tem laços fortes de amizade entre eles. Acontecem também nesses encontros alegres conversas em que trocam experiências diversas relacionadas a suas vivências cotidianas, tanto na área urbana como as

experiências vividas nas comunidades ribeirinhas; fazem pequenos negócios, muitas vezes com pescados ou com animais doméstico (figura 8)

Figura 8. Porto na cheia do Lago Maicá



Fonte: Foto do autor 2 jun 2021

Quanto ao movimento dos pescadores indo e vindo de suas pescarias, neste momento de cheia, pude observar e ouvir seus atos ao se prepararem, ora para saírem para a pesca, ora para voltarem para suas casas, depois de horas ou dias pescando no lago. Essas observações foram sobremaneira importantes para perceber a resistência da força amazônida no âmbito do cotidiano dos moradores no porto, à beira do Lago.

É esse o lugar onde ancoram suas canoas nos intervalos entre uma pesca e outra, e ali fazem a manutenção das mesmas. Embarcados em suas canoas ou botes (individualmente ou em dupla), formando pequenos aglomerados ou mesmo distantes um dos outros entre a vegetação aquática que se forma nesse lugar nessa época, passam um bom tempo em conversas corriqueiras. Uns cuidando dos apetrechos de pesca (caniços, redes), outros preparando e fumando “porroncas”. Nessas conversas, os pescadores deslizam como se

estivessem num tempo e num espaço sem “estrias”, como humanos de “ação livre” (DELEUZE E GUATTARI, 2015). Nessas conversas há trocas de conhecimentos e de percepções sobre a vida no lago: “Eu sou como unha e carne com esse lago. Tenho muita intimidade com ele”, como falou um dos pescadores.

Além desse momento de descontração e trocas de conhecimentos, há os momentos em que fazem manutenção das canoas e botes (calafetagem e pintura). Nestas atividades, se demonstram cuidados e uma grande importância a este equipamento.

Observando a saída e a chegada desses pescadores no porto, pude perceber a importância dos caniços e das zagaia. Estes artefatos de pesca não são comprados, mas feitos artesanalmente. Como me foi relatado por um pescador, eles vão escolher nas matas as varas, que depois descascam e colocam pra secar. Há um certo rigor tanto na escolha das varas quanto no processo de secagem, pois essas precisam ser *firmes e resistentes* para *vergarem* sem quebrar, no caso dos caniços. No caso da zagaia, a vara precisa ser de madeira rígida, resistente e bem alinhada para ser eficiente no momento de uso – tanto no caso do *varão* quanto no caso da *ponta*, para melhor precisão na captura do peixe. A *ponta* da zagaia é confeccionada de madeira, tirada também nas matas. O uso dos recursos da paisagem para a confecção desses artefatos e sua produção são dois elementos que apontam para a maneira como a vida cotidiana no bairro, tendo a pesca como elemento central, é uma forma de resistência à força capitalista, pois esses itens não são comprados.

Com relação a forma de pescar (em grupo ou não), ainda que algumas pessoas (homens ou mulheres) saiam sozinhas, geralmente vão em parceria, sejam parcerias compostas por relações de parentesco ou de amizade, ou mesmo causais, situações em que as parcerias são formadas de maneira espontânea no próprio porto, entre moradores que se conhecem dentro da dinâmica cotidiana do bairro. As composições mais frequentes que pude observar são: i) na relação de parentesco, foi observar parcerias entre mulher e marido ou *companheira e companheiro* (conforme se identificaram); pai, mulher e filha; pai, mulher e filho; pai e dois filhos; dois irmãos; tio e sobrinho; sogro e genro. ii) Na relação de amizade: parcerias de dois e três amigos, com vínculos de amizade constituídos por relações de vizinhança e de trabalho e de parcerias casuais, resultante de encontros fortuitos no porto.

Nas conversas à beira do lago, em vários momentos os moradores valorizam e afirmam a importância do modo de vida amzônida falando sobre os encontros que eles têm com um pescador que chamam de Zenitão. É notável o entusiasmo ao narrarem esses encontros com

ele, motivados, principalmente, pela percepção que esses pescadores tem em relação a vida que leva esse pescador e sua singularidade.

Quando conversava com seu A.A. (45 anos), morador que realiza esporadicamente pesca no lago, ele me contava sobre os encontros que teve com Zenitão durante suas pescarias.

“Zenitão é um homem solitário, ele pesca artesanal, ele não pesca de malhadeira. Só usa caniço, flecha e espinhel. Ele vem do lago pra terra, ele vende o peixe dele; compra a farinha, o açúcar, café, o óleo. Na volta, ele diz que a água leva ele no rumo de onde ele vive. E é um homem que a vida dele é cantar, é cantar toda hora. E é um homem muito bom. Eu já pesquei por lá onde ele parava. Lá pelos lados do Jandir. Quando eu chegava lá onde ele parava, na várzea, aí no lago, ele dizia: “E aí? Já pegaram alguma coisa?” Eu dizia: “Não! Estamos chegando agora”. Daí Zenitão dizia: “Mas peraí, vou já pegar a boia pra vocês que eu tenho guardado ali”. Ai, ele ia lá embaixo, no viveiro dele, pegava quatro, cinco, seis pacus. Pacusão grandão, tratava, enquanto isso nós ia botar malhadeira e ele fazer comida. Pra que ele ia fazer comida pra nós? Porque ele é um homem bom de coração.

Continuando seu relato A. A. diz:

O Zenitão, com o corpo dele não tem espinho, ele mesmo faz as varedas, entra faz a empuca de pescar, aquele caniço, ele rompe uma mata. Lá no rio nas estradas varedas entra e vai, mas ele sabe onde entrar e onde sair e onde tá o peixe. Isso que é curiosidade. É entrar numa mata dessa, pescar, rodar, rodar e saber entrar e saber sair. *Ele tem o conhecimento sobre o sol, sobre a chuva.* A chuva só cai num canto, ela só vem do norte, se a chuva só vem do norte ela molha só a frente do pau, o outro lado do pau vai ficar só limo. Então, eu acredito que esse é um conhecimento que ele tem pra entrar e sair do meio da mata alagada. A correnteza da água, ela (água) tá na correnteza aqui, ela só corre para um lado. Então ele olha para a correnteza, para onde ela tá correndo na hora de entrar, e na hora de sair, ele sai direitinho. Tudo aí vem um conhecimento de muito tempo atrás, um passando para o outro. Pelo o que eu conheço, vida toda dele é de pescador. A mão do homem, se tu prestar atenção, já tem a tortura de pegar no remo. Não ajeita mais. A mão do homem é calejada do tempo.”

A conversa continua e A. A. que “o Zenitão tem a característica de um índio. As feições indígenas. Ele não é um homem branco. Ele é um homem da feição indígena, todinho, completo. Ele vem de muito tempo atrás. Ele faz parte do ambiente lá.” Depois, A. A. passa, de uma forma entusiasmada, a fazer comentários enaltecendo os conhecimentos desse pescador.

Zenitão diz: “já acabaram de colocar a malhadeira? Vocês botaram aonde?” Dai agente responde que foi naquela baixa ali. E ele diz: “Não! Tira de lá. Que naquela baixa só cai o peixe tal. Coloca naquela ali que vocês vão ver”. E a gente ia lá e trocava e era o que o homem (Zenitão) diz. Porque ele vive lá dentro, tem o conhecimento onde bate o peixe, onde o peixe vai cair lá dentro, qual o peixe que corre lá.

Depois disso A. A. diz que acha interessante a dieta do Zenitão:

“Na nossa alimentação, aqui, se não tiver o arroz, a salada, um tempero assim, não tá bom. Lá (no lago), a saúde é até melhor. Só come a farinha, o alho, o sal. As vezes ele nem coloca óleo, porque o óleo já tá no peixe. Uma comida simples, só a farinha com peixe, e eles são fortes.”

A conversa seguiu, e A. A. apontou uma característica importante no modo de vida de Zenitão, dizendo que

“ele não tem motor rabeta. Ele rema quilômetros. Ele vai e volta remando. Sabe porque ele não quer motor rabeta? Pode oferecer pra ele que ele não quer. Por que ele, com rabeta, facilita ele ir de um ponto ao outro, mas não facilita ele prestar atenção na subsistência dele, de onde está o pescado, onde o peixe tá correndo. E ele disse que indo de remo ele vai prestando atenção. Se um de nós for querer se meter a viver assim, nos vamos aprender. Porque nossas raízes, a gente quer queira ou quer não, já vem dos nossos antepassados, a gente vai aprender, Mas ele não, ele tá ali. Nasceu ali. E agente diz: “porque tu não arranja uma rabeta para ti?”. E ele diz que não, porque passa do peixe (passa despercebido pelo peixe). De remo ele diz que vai *devagazinho*. *Pega um aqui, pega um aqui, pega um aqui*. Quando ele vê, tá com a cambada feita. Cada viagem dele, ele vai pegando mais alimentação, ele aproveita as viagens e faz isso. Pelo conhecimento dele, ele não quer a rabeta.”

Assim como A. A., muitos outros pescadores falam com admiração de Zenitão. Ele exemplifica, de certa forma, a vida no lago, essa conexão que os pescadores tem com o lago.

2.3 O vizinho e seu modo de se mobilizar

Seu R.S., um senhor de 78 anos, movimenta-se no espaço da comunidade como se vivesse em seu ambiente de outrora, em sua comunidade ribeirinha de onde veio, Surubi-Miri. Quando mudei para o campo de pesquisa, ele foi o primeiro vizinho que tive contato e, com o tempo, tornou-se um interlocutor importante. Sua casa fica cerca de 100 metros de onde estou morando. E, nesse espaço entre nossas moradias encontram-se alguns quintais desocupados, cercados por arames farpados. Por traz de sua casa fica a já citada propriedade do “Dr. Ribeiro”. Essa propriedade tem uma área bastante extensa e comporta uma densa floresta secundária com uma importante diversidade de vegetais e que abriga pequenos animais silvestres (macacos, cutias, mucuras, porcos espinho e outros), como também uma variada gama de pequenos pássaros. É nessa paisagem que tive oportunidade de observar os movimentos e os modos de uso que Seu R.S. faz dos arredores de sua moradia.

Num certo dia pela manhã, avistei esse vizinho em busca de seus animais domésticos nos arredores de seu quintal. Ele se deslocava pelos quintais vizinhos, passando com bastante habilidade entre as cercas de arame. Além da habilidade com que atravessava as cercas,

notava-se um ar de tranquilidade, como se seu movimento nesses espaços fosse desestriado, sem formalidades impostas pelo direito de propriedade, que as cercas de arame poderiam indicar. Esse modo de se deslocar remonta à territorialidade vivenciada por esse morador no pretérito. Quando lhe perguntei sobre esse seu hábito, ele deu uma longa gargalhada e depois disse: “era assim noutros tempos, nosso andar por aqui acontecia assim. Não era tão impedido pelo vizinho, era uma coisa normal, andar pelo campo assim”. Essa sua experiência é uma mostra de como as pessoas se deslocavam antes das “cercas” urbanizadas atuais (cercas de arame, placas demarcando propriedades privadas e outras). Na continuação do diálogo, ele comentou: “onde o animal está, eu vou até lá, vivi muito isso na comunidade em que fui criado”.

Com o passar do tempo, à medida que fui tendo mais conversas com esse vizinho, foi ficando evidente como esse morador estava percebendo as transformações de seu ambiente, como também do seu modo de vida. Numa dessas conversas, ele lamentou sobre a forma e a rapidez em que acontecia a chegada dos novos moradores. Seu R.S. reclamou da construção que está sendo realizada no terreno ao lado de sua casa, pois

o muro que esse vizinho está fazendo tem 3 metros de altura. Está tirando a vista que eu tinha. Eu conseguia, acordar pela manhã e ver, no mato ao lado, os meus bichos avulsos. Agora além de tapar minha vista, tirou a ventilação da minha varanda e também ficou escura e não vejo mais o sol desse lado da minha casa.

Sobre essa questão, eu lhe perguntei como se sentia diante desses acontecimentos que estão a lhe restringir espacialmente, e ele declarou que:

Me sinto oprimido com essa construção aí do lado, que me esconde do sol, e também fico sentindo que meu terreno parece diminuir cada vez mais. Me sinto mesmo muito oprimido. Este terreno que consegui ficar é muito pequeno. Gosto de plantar planta que me dê frutas. Plantava muita macaxeira, mas aqui, dentro do meu quintal, só consegui plantar uns dois pés dela. Aonde fui criado, na várzea, tem um lago, e quando olhava pra ele, via uma imensidão. E quando a água baixava ficava uma imensidão de campo verde. Consegui ver isso também por aqui quando as águas baixavam pra banda do Lago do Maicá.

Seu R.S. me contou, em dado momento, que logo que chegou nesse lugar, ele costumava entrar na mata que fica nos fundos de sua casa (a qual me referia linhas acima) e fazer uso de diversos recursos dela. Essa mata tem uma grande importância nessa paisagem, sendo utilizada por muitos moradores. Pude observar Seu R. S. em suas idas a essa mata e ouvi-lo sobre sua relação com ela, assim como a relação que outras pessoas tem com ela. Sobre isso, ele comentou que:

Quando minha saúde permitia, eu entrava nessa mata para tirar algum pedaço de pau para lenha ou para fazer cabo de alguma ferramenta. Também coletava caju. E dele eu aproveitava a poupa e a castanha. Tirei muita castanha de caju daí. Nesse tempo eu fazia carvão, e era aí na mata. Mas um dia o proprietário resolveu impedir que eu

continuasse a fazer isso na área dele. Houve um pára pra acertar entre nós. Naquele dia ele disse que iria passar uma cerca de arame farpado para impedir que a gente entrasse em sua terra. Não gostei da maneira que ele falou comigo. Mostrei o que era pra ele... com o tempo continuei a fazer carvão. Aqui onde eu fazia, que fica atrás de casa, fica distante da casa do caseiro que cuida das coisas do médico, pois essa área dele é muito grande. O caseiro não dá conta de vigiar tudo. Hoje não faço mais carvão, mas entro ainda aí. Acho que ele não se incomoda mais como antes.

Tive a oportunidade de presenciar um momento interessante de seu cotidiano, em que ele, nas primeiras horas do dia, vinha saindo de um quintal ainda sem moradia, ao lado de sua casa, com algumas folhas secas na mão. Lhe perguntei para que serviriam aquelas folhas. E ele, sorridente, me respondeu: “Como eu e minha mulher não estamos podendo tomar muito café, e acordei com vontade de tomar um chá, vim até aí no mato tirar essas folhas de abacateiro.” Continuando esse diálogo com seu R.S., perguntei com que frequência ele entrava nessas matas para tirar folhas, qual era a diversidade delas que conseguia encontrar e se essas folhas teriam outras finalidades além de usá-las para o café da manhã. E ele me relatou que

“sempre quando preciso corro aí por esses matos e tiro folhas pra preparar chá pra tomar com bucha ou fazer remédio. Ai dentro desses matos tem muita folha que serve pra muitas coisas. Como fui criado vendo minha mãe fazendo isso, peguei a prática de saber quais as folhas que servem para remédio caseiro. As vezes vou aí no mato e me espanto com algumas plantas que aparecem na minha frente. São plantas que já não via há muito tempo. A natureza aí nessas matas é muito forte”

Essas atividades cotidianas de coleta de ervas nas matas que os cercam, os constitui como moradores amazônidas resistindo aos novos modos de viver impostos pela urbanização. E ao acessarem em suas memórias, os saberes aprendidos com seus antepassados, passam a atualizar a força amazônida, a partir de agenciamentos necessários, resistindo ao que lhes é imputado pelas sobrecodificações da vida urbana em no seu cotidiano. Essas sobrecodificações, concomitantemente com as modificações na paisagem, não diminuem a força amazônida que esses moradores carregam, pois o que carregam não se manifesta apenas como resíduo, mas sim como uma força importante que perpassa os vários aspectos de seus modos de vida.

No caso de Seu R.S., podemos perceber evidências pertinentes de que a força amazônida se atualiza e resiste a essa hegemônica urbanização que, simultaneamente promove as sobreposições e as limitações espaciais. Urbanização esta, que, como já salientado, se sobrepõe, invisibilizando esses modos de vida num processo que chega se impondo e tentando converter esses lugares vividos em “espaços vazios nos mapas da Amazônia os quais já permitiram que muita gente fingisse que ninguém vive ali” (GOW, 1990, pag. 03).

2.4 O pescador e sua cozinha singular

Seu Batista (*in memoriam*), pescador muito conhecido no Bairro e nos arredores, era uma pessoa com a qual eu gostaria muito de ter feito uma entrevista, mas decidi não fazer em virtude do momento da pandemia e sua situação de saúde. Porém, o seu cotidiano me chamava muito atenção. Observando-o de longe, pois quase que diariamente eu passava em frente à sua casa e lá estava ele, acompanhado de sua esposa ou seus filhos, demonstrando um ar alegre apesar de estar, mesmo estando naqueles momentos, apresentando sintomas de uma grave doença. Além da companhia dos seus filhos, notava-se ainda a presença constante de seus amigos em conversas animadas em meio aos afazeres domésticos de cozinha. Geralmente ele ou sua esposa e seus filhos ou mesmo sua nora estavam “tratando” ou muitas das vezes assando uma “peixada”.

Além da socialidade que o Seu Batista proporcionava para minha observação, algo muito interessante chamava a atenção. Sua casa fica bem à margem da Avenida Santarém, e em sua frente tem uma cobertura anexa a casa, formando um pátio” (como se costuma denominar) onde geralmente se recebe visitas. Isso é comum em várias casas mas, no caso da casa do Seu Batista, ele fez desse pátio, também sua cozinha, onde por diversas vezes, vi o mesmo preparando peixes para sua refeição. Neste local havia uma mesa de madeira, como é comum na cozinha do morador ribeirinho, e nessa mesa do Seu Batista se via sempre uma garrafa com café sempre pronto para receber suas visitas. O fator importante é que Seu Batista reproduzia um ato que é muito comum nas comunidades ribeirinhas (ato de observar o movimento do rio como me frisou seu R. S. um dos interlocutores desta pesquisa), ou seja, é um modo de usar a cozinha como área estratégica para observar o movimento da rua e interagir com as pessoas. Esse ato cotidiano do seu Batista e de sua família fugia ao padrão do modo urbano apresentado pelos vizinhos nesta rua, apresentando-se como uma atualização particular da força amazônica.

CAPÍTULO 3

3.1 A socialidade amazônica: resistência na fluidez da existência

Foi quando passei a conviver na comunidade é que de fato vim a compreender melhor esse modo de vida complexo que acontece no meio da Amazônia brasileira. As abstrações que permeavam minhas ideias sobre esse lugar foram aos poucos tomadas pelas investidas etnográficas que passei a empreender. E foi no segundo dia depois de estabelecer minha moradia em campo que, iniciando minha jornada etnográfica, me deparei com uma cena interessante, repleta de *multiplicidades* (Deleuze e Guattari, 2000) do cotidiano do bairro.

Na manhã de vinte de fevereiro de 2019, seguia eu descendo a Avenida Maicá em direção ao porto da Comunidade, quando avistei uma senhora aparentando ter mais de 60 anos, traços ameríndios, cabelos grisalhos, corpo franzino, ágil, e com uma expressão facial alegre. Ao atravessar essa avenida, ela foi abordada por uma moradora que se encontrava em frente a seu comércio, e a mesma gritou: “Mas mulher, nessa pandemia toda e tu tá perambulando... vai pra casa mulher. Olha tua idade!. Com uma voz ativa de quem afirmativamente se produz e produz sua realidade, como também os proventos de sua família, dedução que faço em relação a resposta que ela deu a sua interlocutora: “Acabei de chegar da minha pescaria no Lago, pescaria boa. Agora, vou comprar o rancho pra levar para as crianças do outro lado!” (esse “do outro lado” se refere a sua outra moradia, numa comunidade ribeirinha “do outro lado do rio Amazonas” – conforme foi relatado por um outro morador.)

Após ver esses atos, pude obter informações interessantes sobre como os moradores tecem suas relações e, simultaneamente, tive a oportunidade de ouvir de uma moradora um pouco de como ela constrói o seu cotidiano. Busquei saber quem era aquela senhora (pois, devido ao momento pandêmico, não pude entrevistá-la) e, pelo que me foi informado, trata-se de uma moradora da comunidade, aposentada, que para contribuir na economia da família, pesca no Lago.

Deste primeiro olhar etnográfico sobre o cotidiano dos moradores, inicio esse capítulo enfatizando esses atos me revelaram diversos elementos intrínsecos à maneira como os moradores interagem em seu cotidiano, e como as relações de parentesco acontecem na paisagem. Estes referidos atos me chamaram a atenção para como o horizonte territorial dos moradores se amplia a partir do seu modo de vida amazônica, ao tecerem e concretizarem

suas relações de parentesco e amizade na vastidão de florestas e rios. Esse vetor que amplia o horizonte territorial, alicerçado pela força amazônida, contrasta marcadamente com o sentido de ver a paisagem a partir da força capitalista. Pois, como nos diz Gow (1995, 01),

é difícil ver a Amazônia como uma paisagem, no sentido que esse termo assume para as pessoas de climas temperados. A terra não se estende até um horizonte distante, pois em todo lugar a vegetação obstrui a vista. Na floresta, a visão penetra apenas uma pequena distância em meio à grande quantidade de árvores; ao longo dos grandes rios é possível ver mais além, mas, ainda ali, não há um horizonte a perder de vista: o céu começa abruptamente atrás da floresta. Não se pode ver ao longe, de modo que sucumbiríamos à claustrofobia caso um sobrevoo ou muitos dias de viagem não nos dessem uma noção da escala dessa terra de grandes rios e florestas intermináveis.

Gow nos dá a oportunidade de vislumbrarmos como o morador amazônida vê seu entorno, em um horizonte à pequena distancia e cercado por floresta, contrastando com a visão de um morador de clima temperado do Norte tem em relação ao sentido paisagem. E nos indica também que

é apenas quando uma paisagem é radicalmente transformada pela abertura de uma estrada ou pelo desflorestamento que ela se revela como um espaço visualmente amplo. Uma estrada vermelha se estende ao horizonte, enquanto construções, cercas e árvores isoladas se mostram à distância. Tais situações se parecem mais com uma paisagem de clima temperado do Norte, onde a floresta fechada não mais domina o campo visual e o que se vê ao longe é simplesmente uma transição nebulosa entre terra e céu. (idem)

Figura 9. Cruzamento da Av. Cristóvão Colombo com Avenida Santarém



Fonte: Foto do autor 16 out 2021

Como mostra o autor, certas transformações da paisagem são situações que fogem às características da Amazônia. Esse contraste pode ser visto no modo em que, alavancado pela força capitalista, o processo de urbanização se concretiza com o desflorestamento, a abertura de ruas e estradas no bairro, como pode ser visto na imagem na (figura 9), e que já foi descrito na seção capítulo 1.

Na paisagem amazônica, o horizonte é ampliado a partir das relações de parentesco e de amizade que são produzidas pelos moradores, estendendo seu horizonte existencial.

Para demonstrar essa amplitude traçada pelas relações sociais dos moradores, fazendo um contraste com o preciso enunciado de Gow de que um morador amazônico tem um horizonte visualmente pouco ampliado, pois está sempre cercado pela floresta. Assim, tendo como propulsor a força amazônica, o modo de vida desses moradores alcança enorme distancia na imensidão amazônica, lastreada pelas relações de parentesco e de amizade.

As conversas com os interlocutores evidenciaram uma cartografia do amplo horizonte existencial desses moradores. As pessoas comumente falavam da presença de parentes em comunidades distantes, tanto ribeirinhas quanto de terra firme. E, no decorrer dos relatos, essas relações eram mantidas de diversas maneiras. Foram relatados contatos realizados por um fluxo de encontros em que ora o morador se deslocava até o parente ou amiga(o), ora o fluxo inverso ocorria. Isso ficou evidente na fala da moradora do início deste capítulo, onde ela menciona a ida até suas “crianças” no “outro lado do rio”. Ou no relato da moradora R. S.:

Já estou aqui no bairro a três anos, vim de Manaus, mas nasci na comunidade de Pacoval, no Rio Curuá-Una. A maioria dos meus parentes moram lá. Minhas irmãs e meu Pai vêm sempre por aqui comigo. Quando eles vêm, trazem alguma coisa de lá: peixe, fruta e outras coisas... Gosto quando eles aparecem por aqui. Quando não trazem coisa de comer, pelo menos me dizem como está a vida lá por lá. Isso é muito importante pra mim. Gosta da vida de lá, mas preciso ficar por aqui. Quero um dia poder morar ainda lá... De vez em quando eu tiro uns dias pra ir visitar eles. É muito difícil pois o meu trabalho não deixa.

Esses fluxos mantêm uma considerável troca de conhecimentos e afetos entre esses moradores e seus parentes. Esses conhecimentos os mantêm ligados aos acontecimentos da vida amazônica. “Quando estive no Igarapé da Praia (comunidade ribeirinha), as águas ainda não tinham levado a terra do meu Tio. A casa dele ficava perto da Boca do rio...”, como Seu Pedro falou da sua última visita a seu Tio.

Essas relações sociais criam um horizonte existencial importante e alicerçam resistências às *desterritorializações* produzidas pelos processos de captura promovido pela força capitalista e suas *axiomatizações* (DELEUZE E GUATTARI, 2010).

Esse horizonte existencial atinge distâncias numa amplitude que pode variar desde um deslocamento cotidiano de um morador até a comunidade de Saracura, que fica alguns quilômetros do Bairro, até uma esporádica ida para visitar um parente na cidade de Manaus, que fica numa distancia bem maior. Esse fluxo acontece inversamente e de uma maneira mais intensa. Ou seja, parentes e amigas(os) das comunidades e cidades amazônicas estão frequentemente visitando os moradores do Bairro. Essa cartografia desenhada pelas relações é constituída essencialmente *na* e *da* terra amazônica, e opera como uma força de resistência à axiomática globalizante da força capitalista.

3.2 O discurso comunal resiste

Como já foi abordado, a comunidade do Bairro Pérola do Maicá, apresenta uma gama de moradores bastante heterogênea, incidindo numa complexa rede de relações sociais. Neste contexto, me atentarei agora aos movimentos dos moradores em sua abrangência como bairro para compreender como os agenciamentos cotidianos da vida amazônica operam e resistem, coexistindo com as atualizações urbanas e capitalistas instauradas nesse cotidiano. Ademais, o bairro tem uma diversidade de fatores étnicos que são configurados para o funcionamento articulado com estruturas da sociedade abrangente a qual lhes afeta e dá um direcionamento organizacional e político, visto que o bairro está em dentro de um forte processo de expansão urbana, que caracteriza o atual momento do município de Santarém. Isso tem impacto direto na vida do bairro. Os moradores ora se mobilizam coletivamente, apagando momentaneamente suas diferenças, para a obtenção de benfeitorias necessários ao bairro, ora fazem sua heterogeneidade aparecer, mobilizando múltiplas categorias de modo a demonstrar e valorizar seus atributos de pertencimento para reivindicar seus direitos. Pude visualizar isso quando participei como observador das reuniões ordinárias de moradores no centro comunitário do bairro, em que discutiam as pautas e demandas do bairro. É neste momento que os moradores acionam a mobilização coletiva, citada acima, em que ligadas ou não às categorias de povos tradicionais (quilombolas, ribeirinhos e pescadores tradicionais),

articulam-se e participam ativamente como *moradores do bairro* para reivindicar diversas melhorias de infraestrutura urbana como unidade de bairro dentro município.

Numa destas reuniões comunitárias pude escutar um comentário de feito por Seu. S. N. (57 anos) que trouxe questões importantes para a pesquisa no que concerne a socialidade amzônida. Esse comentário será desdobrado logo a seguir. Nesta reunião da AMBAPEM que pude acompanhar, e que tinha como pauta a segurança no bairro, houve diversas falas de moradores e autoridades ligadas às instituições de segurança estaduais e municipais. Vários moradores relataram assaltos, principalmente nas ruas, sendo os celulares um dos objetos mais visados. Também foram descritos pequenos furtos em residências cometidos em geral por adolescentes e jovens, conforme os relatos. Esses ilícitos foram geralmente associados ao uso de drogas.

Depois da reunião, fui conversar com Seu S. N. para ouvir mais sobre uma questão que apareceu em uma fala sua durante a reunião: “É importante fazer uma construção comum e solidária no bairro”. O mesmo teceu enunciado, no contexto da pauta sobre segurança. Seu S. N. enfatizou que esses problemas vêm ocorrendo “devido a forma como estava acontecendo a chegada das novidades tecnológicas do mundo moderno, assim, muito rápido...” E continuou sua explanação, fazendo-me compreender o seguinte: essas “novidades” estão trazendo novos valores, que não correspondem à realidade da maioria dos moradores, sendo o estofo que lhe causava preocupação, pois no seu entendimento, isso gerava problemas no comportamento dos jovens em relação a esses elementos “modernos”, o que os levaria à prisão ou à morte prematura de muitos deles e, concomitantemente, traria um grande problema social a comunidade. Ele expressou ainda, ratificando a fala proferida durante a reunião, que “havia a necessidade do bairro ser construído de forma comum e solidária”.

É importante notar, entretanto, em seu relato como nos anseios de outros moradores, que não há uma negação às tecnologias e outros aparatos trazidos pela força capitalista, desde que as intervenções destes elementos passem pelos *agenciamentos* necessários para haver as conveniências em prol da preservação de seus modos de vida.

Em seguida, ele passou a contar um pouco de sua trajetória como liderança no bairro e seu envolvimento com a Colônia de Pescadores Z20. Pondo em algumas palavras, ele ressaltou que, nos últimos anos, as coisas “estavam mudando muito rapidamente”, e isso vinha causando uma série de problemas sociais e ambientais no bairro Segundo ele, isso não corresponde com as vidas dos moradores, que tem “um outro ritmo fazer e de lidar com as

coisas construídas no bairro”. Cita os pescadores artesanais como um dos que também “sofrerão com essas modernidades”. Durante nossa conversa, após a assembleia, ele citou que não trabalha no bairro, seu trabalho é na cidade. Afirmou, porém, que sua vida acontece mesmo é na comunidade, e demonstrou inquietação diante dos acontecimentos e o avanço rápido da urbanidade.

Consegue-se notar de forma importante o atravessamento comunal da força amazônica no que expressa esse morador diante do contexto em que vive a comunidade. Onde ele reivindica ações coletivas e solidárias, contrapondo ao individualismo e a competitividade excessiva provocada pela força capitalista na comunidade.

Em outra reunião da AMBAPEM, presenciei uma proposta importante no que concerne ao grau de valor que a comunidade alude aos pescadores. Essa proposta diz respeito ao projeto de nomear uma das ruas em homenagem a um pescador falecido. Trata-se do pescador que, conhecido popularmente por “Cué”, deixou marcas importantes na memória dos comunitários. Isso retrata o pensamento da comunidade sobre seus pescadores. Ao se homenagear um deles, está-se dando importância também para a categoria, como algumas falas nessa reunião deixaram transparecer.

3.3 A fluência de um hábil pescador

Dentre os interlocutores, o morador F. P.S. talvez seja o que mais me levou a refletir sobre dois aspectos dos atos de resistência no cotidiano dos moradores foco da pesquisa. O primeiro aspecto é que, mesmo sendo um morador que chegou a esse bairro há duas décadas atrás, vindo do centro urbano da cidade de Santarém, onde nasceu e se criou, com todo o atravessamento de uma vivência urbana, sob os tentáculos da força capitalista numa cidade de médio porte como Santarém, não lhe tirou o desejo pela vida amazônica que se desenrola às margens do lago. O segundo é o “agarramento” (Deleuze e Guattari, 2010) à terra, neste ambiente amazônico, que ele manifesta em seu cotidiano.

Esses dois aspectos lhe permitem fluir na socialidade da comunidade em muitos dos seus aspectos. Ele afirma não pertencer a nenhum dos grupos étnicos (quilombolas, ribeirinhos e pescadores artesanais) que fazem parte da comunidade, como também diz não participar ativamente de movimentos de resistência com pautas ambientais no bairro. Mas não atribui nenhum demérito a esses grupos. Pelo contrário, ele apenas manifesta a importância desses grupos em sua vivência no lago. Como ele disse quando lhe perguntei se era pescador artesanal: “Que nada! Sou apenas um pescador ‘de’, de vez em quando. Eu não chego nem

perto do cara que sabe mesmo pescar. Como o Seu Buião [*in memorian*], Seu Antônio. Esses sim são pescadores de verdade. Sabem muito. E de vez em quando aprendo com eles. Pescador mesmo são esses”.

Com este morador, tive a oportunidade de conversar varias vezes e observar vários momentos de seu cotidiano doméstico e de pesca, que possibilitaram inúmeras descrições importantes que se seguirão adiante neste trabalho. Em uma de nossas conversas, ele contou sobre sua trajetória no “lago” - ele se refere assim ao lugar onde passou a morar, ou seja, o Bairro Pérola do Maicá.

Já moro no lago há bastante tempo. Antes de morar aqui, nesta casa, morei numa casa bem mais perto do lago, que pertencia a minha mãe. E lá, morava com um tio que era pescador. Meu tio vivia a maior parte do tempo dentro do lago. Às vezes ele vinha por terra para vender peixe e comprar ração [alimentos], tabaco e cachaça, e nesta vinda também visitava parentes e amigos. Meu tio quando estava pescando e vivendo no lago, passava seu tempo morando em sua canoa ou em casas que ficam abandonadas na cheia do lago. São casas dos vaqueiros que cuidam do gado no campo na época do verão. Ele passava muito tempo lá pro lago, meses! Era a vida dele. Também pesquei muito com ele, aprendi muitas coisas com ele. Ele sabia muito de pescaria no lago, na enchente e na vazante, os melhores locais e o melhor tempo de ir nesses locais. Ele era bom, vivia disso. Pescador como ele é que é pescador, ele morreu como pescador. Aqui no bairro existe muitos pecadores mesmo por aqui pescando no lago, os antigos. Eu só sou “esportista pescador” não me considero pescador, eles é que são de verdade, pois sabem muito de pescaria.

Essa conversa foi interrompida pela chegada de uma visita, mas em outro dia continuamos e ele prosseguiu contando sua vivencia ali. Neste dia, sua esposa o acompanhou e relatou algumas “passagens” durante a conversa. Ele dizia:

É, neh! Meu pai me contava muitas histórias da vida de pesca, que viveu e que o pai dele viveu também no interior, no Amazonas Grande. Mas foi mais com o meu tio no lago que aprendi mais coisas. Foi naquele tempo que vivi com ele na casa mais na beira do Lago. Vivi lá por um bom tempo, depois voltei pro Bairro do Diamantino, onde eu morava antes. De lá vim pra cá de novo, já com minha mulher e uma filha, foi muito duro esse tempo. Veio pra cá minha mãe e mais dois irmãos, cada qual em um terreno que ela deu pra nós.

Sua esposa, neste momento, começou a falar sobre as dificuldades desse começo, de quando chegaram ali:

Foi mesmo muito difícil, a gente lutava pra vencer de varias maneiras. Ele trabalhava em varias coisas na cidade, e mesmo assim sempre ia pescar. Foi conseguindo material de pesca e a canoa e continuou pescando. Ele gosta de pescar, tem prazer em pescar, mas também vai para ajudar na renda da casa, pois economizamos muito com o que ele consegue.

Um dia, após almoçar com ele e sua família uma caldeirada de curumatã pescado no lago, esse morador me convidou para pescar com ele no Curicas, que é um local muito visitado por pescadores do lago, segundo me dizia. O momento dessa pesca será apresentado

no relato abaixo. Nele podemos ver, os fluxos de vida deste morador, que se constitui a partir de velocidades e ritmos próprios da vida amazônica, em caminhos conjugados entre o urbano atual e os modos singulares dele se mobilizar, de perceber, de ocupar e produzir os lugares cotidianamente na paisagem. Podemos ver também a influência da convivência cotidiana com os pescadores artesanais. Veremos que esta socialidade é permeada por muitos conhecimentos potencializados pela força amazônica, e que vão compondo seus atos de resistência nesse lugar.

3.4 As resistências cotidianas por terra e por água

Após o convite me preparei para acompanhá-lo e, por volta das quatorze horas, com um sol causticante, saímos levando os apetrechos de pesca: malhadeira, caniços, iscas etc. Ele tomou a frente na caminhada, pegando a sacola com os apetrechos e pendurando num remo que colocou no seu ombro. Eu o segui pegando um remo e procurando imitar suas técnicas de corpo ao caminhar e manusear os equipamentos que levava.

Seguimos nessa caminhada até um lugar à margem do lago onde ele ancorava sua canoa nesse período do ano, pois estávamos na cheia e as águas nesse período se aproximam de sua casa, de modo que era possível que ele deixasse sua canoa a alguns metros da mesma. O caminho até a canoa se iniciava pela rua de sua Casa. Andamos alguns metros e logo entramos num terreno desocupado, num caminho transversal feito pelos moradores para chegar até a outra rua. Após atravessá-lo, seguimos em uma rua até entrarmos num matagal já meio alagado e com muito juquiri.

Esse exemplifica o que argumentei no capítulo 1, evidenciando como os moradores conjugam os dois meios de se locomoverem atualmente no espaço do bairro, um deles pelas vias urbanas e o outro pelos seus próprios modos deslocamento, feitos em caminhos que foram sobrepostos pelo processo de urbanização, mas que, em alguns trechos permaneceram, mesmo de forma descontínua, e os moradores insistem em utilizá-los.

Voltando à caminhada rumo a pescaria, lá ia F.P.S. habilidosamente no juquirizal, sem demonstrar nenhum incômodo. Enquanto eu sentia literalmente o que era entrar num juquirizal sem essa experiência do corpo e sem as habilidades necessárias para evitar ficar engatado num galho de juquiri. Para mim tudo espinhava, cortava e queimava; já ele interagia no meio desses vegetais com certa tranquilidade, desenvolvendo o que tinha acumulado de experiência na relação que a anos tem com esse lugar. Como diz Casey (1996: 07), “o conhecimento local está em sintonia com a experiência vivida, se é de fato verdade que esse é um conhecimento

das localidades em que vivem o sujeito cognoscente. Viver é viver localmente, e conhecer é antes de tudo conhecer os lugares onde se está”. Ou seja, estas relações combinadas com orientações e trocas de conhecimentos que teve com seu tio e amigos pescadores, como ele mesmo afirma, lhe permite ter essa desenvoltura na caminhada.

A caminhada prosseguiu por alguns metros no alagado argiloso que ia atolando até o joelho e que exigia muita força para dar os passos. F.P.S. não tinha dificuldade de andar no atoleiro, e rapidamente chegou na beira d’água. Ao chegarmos na canoa, que se encontrava alagada na margem do lago, ele utilizou uma maneira eficiente para desaguar canoas e colocá-la pronta para navegar. Maneira essa que também tive a oportunidade ver outros pescadores praticando, quando os observava no porto da comunidade.

Ao concluir a deságua da canoa, F.P.S. passou a arrumar os apetrechos de pesca dentro da canoa, no seu tempo e a seu modo. Tive a impressão que, a partir deste momento, F.P.S. desligou-se do tempo cronológico e das pressões do seu ambiente doméstico onde estava sempre apressado nos seus afazeres. Ao chegar à margem do lago, seu corpo passou deslizar naquele ambiente, e ele como que se tornou um homem de ação livre, sem as estrias (sobrecodificadoras) da vida urbana (Deleuze e Guattari, 2010).

Ao embarcamos em sua canoa, seguimos para fora da margem do lago, onde há muita vegetação aquática característica da várzea amazônica, “quase como se fosse o matupa” (vegetação muito densa que fica sobre a água. Chega a ser tão densa que possibilita caminhar em cima dela), comenta o pescador, que causavam certa dificuldade para as “remadas”, reclamou ele. Mas logo encontramos uma “estrada” (abertura feita entre a vegetação aquática para colocação de rede pesca, e que é de uso coletivo dos pescadores), que facilitou a saída desse local.

Desde o momento que ele saiu de sua residência, percebi uma expressão de seriedade em F.P.S. O comportamento era o inverso quando estávamos em sua casa, onde ele era conversador e descontraído. Mas isso, fui compreendendo durante as remadas até o Curicas, não era mau humor, e sim seriedade e um certo rigor em cada ato de sua prática de pesca. Percebi que evitava atitudes que comprometessem a ecologia. Observei que não jogava material industrializado nas águas e se esforçava em poupar a vegetação aquática que atravancava suas remadas - sem movimentos bruscos ia desviando e empurrando lentamente a vegetação aquática com o remo. Todos os seus atos me deixaram a impressão de que não os executava apenas como replicações simplesmente mecânicas nesse cotidiano que realizava ao pescar, mas, que tudo era realizado com muita entrega afetiva, sendo que todo e qualquer ato

era efetuado com rigor e muita atenção, porém sem ficar tenso. Parecia se sentir integrado e entranhado no ambiente.

Ao continuarmos rumo ao lugar pretendido para a pescaria, pude sentir com o corpo a força e a resistência necessárias para o deslocamento no lago a remo: já remávamos a quase uma hora e meia, e eu, exausto, já mal conseguia pensar. F.P.S., com sua grande experiência, como ele mesmo frisou, continuava como se fosse somente mais uma fase factível daquela costumeira prática.

Ao chegar no Curicas, F.P.S. me deixou em uma casa de palha que abriga sazonalmente vaqueiros e pescadores - no período da vazante serve como abrigo para vaqueiros que cuidam do gado nos campos que aparecem na baixa das águas, e na cheia serve para pescadores que se abrigam durante as jornadas de pesca no lago, que podem durar um dia ou semanas.

Essa pequena casa coberta de palha se encontrava em uma pequena porção de terra ainda não submersa pelas águas do Lago. Um *lugar* na ideia já citada nas linhas introdutórias, onde uma porção de terra abriga reciprocidades da relação do Lago com as pessoas. onde passam a existir e resistir.

Ao me deixar lá, sem sair da canoa, deu um giro na mesma e, ao ir se afastando, foi dizendo que iria procurar um bom local para “arriar” a malhadeira e salientou que seria melhor eu ficar abrigado lá, pois já sabia bem como era pescar ali. Falando um pouco mais alto, já mais distante, explicou que depois de arriar a malhadeira iria um pouco mais adiante pescar de caniço, e que isso iria demorar. Enfatizou que o sol estava “descascando” e eu não aguentaria.

De onde fiquei, dava para observar os movimentos de F.P.S. que, com bastante habilidade, executava sua prática de pesca. Inicialmente fez uma busca para encontrar o melhor local para estender a malhadeira. Neste período, como o lago está com um grande volume de água, a dificuldade é maior, exigindo mais conhecimento dos lugares propícios para uma boa pescaria. E esses conhecimentos, F.P.S. já demonstra ter acumulado. Notei que no local escolhido por ele já haviam varas fincadas para amarrar as redes, pois esse é um ponto bastante frequentado por pescadores. Remando lentamente, F.P.S. foi arriando sua malhadeira no lugar escolhido. Depois se dirigiu a uma “bola” de capim e ancorou sua canoa. Logo em seguida iniciou a pesca de caniço. Por eu estar um tanto distante, pouco pude ver sobre os minuciosos preparativos dessa pesca de caniço, mais sabia que iria utilizar minhocas e pirão de farinha de mandioca para isca, pois vi esses itens entre seus apetrechos de pesca.

Observando-o à distância, pude notar algo bem cotidiano para alguns pescadores do lago, ou seja, momentos solitários numa vasta extensão de floresta e água. Passei mais de uma hora observando-o, com seus movimentos para lançar as iscas, outros momentos em que seu corpo ficava estático esperando o peixe morder a isca. Naquela ocasião pude ver a compenetração do pescador no lago, o que me possibilitou entender melhor a fala de outro pescador que, em nossas conversas, sempre enfatizava que “isso é minha vida”, referindo-se ao seu cotidiano de pesca nesse lugar.

Após uma hora, F.P.S. veio para o local onde ele tinha me deixado, já salientando que a pesca de caniço não estava muito boa, mas que iria aguardar alguma coisa cair na malhadeira. Ao ancorar a canoa ele sentou no chão e começou a preparar um “porronca” (fumo enrolado manualmente). Enquanto preparava os cigarros e fumava, passou a me falar sobre sua vivência naquele ambiente dizendo que

tudo isso que vou vivendo aqui, não tem como tirar de mim. Já faz parte de mim. Já contei que vivi aqui e ali no meio da cidade. Quando gito (pequeno) e graúdo, e sei como é a vida lá. Mas é aqui que me sinto melhor, mais seguro... A cidade me dá o sustento pra conseguir algumas coisas para mim e para a família. Coisas importantes para viver nesse mundo. Aqui [no lago], aqui eu piso melhor, respiro bem. Esse barro cura até as minhas feridas... Quando volto pra casa da pesca, volto forte, pois posso dar comida para a família e para quem precisa lá por perto de casa.

A conversa continuou e, entre alguns porroncas, ele foi me contando das experiências da pescaria naquele lugar. Disse que geralmente pesca com o sogro, quando não com um parceiro de vários anos de pescaria, que é seu vizinho. Depois de quase uma hora de conversa no abrigo, ele voltou para a canoa e foi em direção à malhadeira, já com minha companhia. Ao ir tirando a malhadeira ficou alegre, pois tinha conseguido alguns peixes:

Hoje acertei o ponto da malhadeira. Tem que saber o ponto, pois o lago tem dia que dá alguma coisa, e tem dia que não dá. Isso estou vendo nestes tempos de agora. Alguns anos atrás, quando pescava com meu tio, dava mais. Vem gente gananciosa aqui pra dentro do Lago, pescando para vender muito, e faz diminuir.

A pescaria concluída, terminamos nossa conversa tomando um café em sua casa, momento em que ele socializou com a família a experiência de ter me levado para o lago.

3.5 A dissolução da mercancia na socialidade

O sol estava desaparecendo no horizonte quando cheguei a casa de F. P. S., que estava chegando de mais uma de suas pescarias. Ele e seu vizinho C. C.. (F. P. S. o trata jocosamente

de “meu filho”) aparecem “varando” por um quintal ao lado de sua casa. Esse caminho, F.P.S utiliza geralmente quando vem do Lago e passa por dentro de um quintal ainda sem moradia. Dirigiram-se até o girau que tem uma cobertura improvisada com lonas, que fica logo atrás da casa de F. P. S. e começaram a se desfazer das cargas que traziam nos ombros. C.C. arria os apetrechos de pesca juntamente com uma saca contendo alguns pescados, enquanto F. P. S. arria uma saca com contendo uma boa quantidade de peixes. Parecia um tanto pesada, pois o pescador reclamou ao arria-la. Os dois, de maneira jocosa, continuam a conversar sobre como foi a pescaria. Vejo nas suas roupas molhadas e em parte dos seus corpos vestígios de argila, que creio serem provenientes do contato com a água barrenta do lago, e também alguns fragmentos de vegetação aquática. Marcas do contato intenso com o lago e sua ecologia que fazem parte do cotidiano amazônida desses pescadores.

Mas o que me chamou atenção neste encontro fortuito estava relacionado com o modo de vida e as formas de socialidade propiciadas pelo resultado da atividade de pesca. F. P. S, sua esposa e seu vizinho colocam todo o pescado dentro de uma grande bacia e passam dividir os peixes em cambadas, ao que F. P. S e sua esposa vão falando para quem serão destinadas as porções de peixe que estão separando. “Tá aqui a tua parte, meu filho”, disse F. P. S. para seu vizinho. Depois passou dizer para quem iriam as demais porções: para a mãe dele, para cada família dos seus três irmãos, para um vizinho amigo e, por fim, uma parte para ele mesmo e sua família.

O que ficou evidente durante o processo distributivo foi a ausência de valores venais para as cambadas, que seriam doadas, não vendidas, como me confirmou F. P. S. em conversa posterior. Perguntei-lhe sobre como ele faria com os custos para efetuar a pescaria, como gasolina para a rabeta, seu tempo e a mão de obra sua e de seu parceiro. F. P. S. respondeu em poucas palavras que “as coisas aconteciam assim com a gente. Tem tempo que dá pra fazer essa bacanagem. Não me custa fazer isso para os parentes e amigos”. Ou seja, há o aparato capitalista operando nestas relações, no que tange aos custos dos insumos para a atividade pesqueira (gasolina e os apetrechos de pesca). Porém, esses valores mercadológicos são dissolvidos quando acontece a partilha. Inscreve-se aí no cotidiano do morador, em seu modo de vida amazônida, um ato de resistência à força capitalista e suas lógicas de mercado.

Situação análoga a acima descrita encontrei em um relato do morador R. S., quando me contava de quando morava na comunidade ribeirinha de Surubi-Miri no Lago do Atumam, no Rio Amazonas. Ele foi dizendo que

quando eu chegava da caça com uma capivara, ia logo cuidando dela. Quando eu estava cuidando, me aparecia os vizinhos e me cercavam. Nessa época eu era bem novo... (gargalhada) No meio desse pessoal que me cercava tinha uns velhos, mas também tinha uns novos. Aí eu ia tirando as partes da caça e ia enfiando e juntando um pedaço da costela, um fígado e outros pedaços de carne fazendo uma putáua e ia dando para os vizinhos. Isso acontecia também quando pescava um pirarucu grande, huumm! Aí também acontecia a mesma coisa. Pegava pedaço da cabeça, pedaço do bucho e também ventrecha [parte gordurosa da barriga do pirarucu], enfiava a putáua e ia distribuindo para o pessoal.

Nessa memória do Seu R. S. está imbricada a ação da força amazônida como vetor de dissolução da mercancia que permeava o modo de vida ribeirinho desse morador. E que pude registrar se atualizando no cotidiano vivido por esses moradores do Bairro Pérola do Maicá, nesse ambiente uma *putáua* de elementos amazônidas é mobilizada como forma de resistência à hegemonia capitalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resistência dos povos amazônidas é fundamental para a preservação do ecossistema e para os seus modos de vida no Lago do Maicá. Isto constitui, inevitavelmente, uma forma importante de contraposição às investidas do sistema capitalista. Como procurei demonstrar a partir de uma etnografia do cotidiano dos moradores do Bairro Pérola do Maicá, o modo de vida amazônida sempre foi imprescindível para sobrevivência das minorias desde os primeiros momentos da formação desse lugar.

Neste bairro, os movimentos de resistência política organizada mobilizam um percentual significativo dos moradores. Mas também sua vida cotidiana é uma forma de resistência, pois atravessada por *agenciamentos* por meio dos quais produzem um modo de vida particular, visceralmente ligado ao ambiente do lago, ora *recalcando* a força capitalista, ora convergindo com suas investidas.

A imersão etnográfica nos *agenciamentos* de resistência do cotidiano dessa comunidade propiciou vislumbrar as formas de ocupação e uso da terra intrínsecos à força amazônida, como também as diversas implicações engendradas pela força capitalista que atravessa esse modo de vida. A força amazônida nesse lugar se atualiza na vida cotidiana dos moradores, no que diz respeito às relações tanto com os lugares (casas, caminhos, matas, o lago) quanto com as pessoas (parentes, vizinhos, amigos), modulando os atos de resistência às forças hegemônicas do capitalismo. Nos modos de ocupação, mobilidade e uso dos espaços no bairro, como busquei mostrar etnograficamente, são formas de resistência marcadas pelos modos amazônidas de territorialização, que implicam humanos e não humanos na produção dos lugares, constituindo, assim, os modos de vida da comunidade. Espaços que estão sendo sobrepostos e sobrecodificados no processo de urbanização promovido pela força do sistema capitalista. Portanto, se não necessariamente os moradores são protagonistas dos processos mais amplos que incidem sobre o bairro, seu próprio modo de vida, atravessado pela força amazônida, se configura como uma forma de resistência.

Essa resistência no modo de habitar os lugares aparece principalmente com os quintais e nos quintais que ainda se alastram na paisagem em pleno processo de urbanização. Esses quintais muitas vezes fogem do padrão de loteamento urbano, alguns sendo consideravelmente maiores que o tamanho comum de 10x30m. Essa resistência aos padrões, nesse caso, ao confinamento em pequenos lotes, é necessária para comportar o modo de vida amazônida, que se atualiza em espaços amplos, o lago sendo talvez a principal imagem para essa amplitude do espaço.

Às linhas retas das ruas quadriculadas, respondendo ao planejamento urbano, resistem aos caminhos sinuosos traçados pela vida dos moradores que, assim, acham *linhas de fuga* (Deleuze e Guattari, 2010) às sobreposições urbanas que avançam no bairro.

Também no que diz respeito às relações entre as pessoas, a multiplicidade de entrelaçamentos cria redes de relações que ampliam o horizonte territorial e existencial a partir do parentesco e dos afetos de amizade, reforçando a resistência por meio da troca e da atualização de conhecimentos sobre a vida amazônida. Assim, vão se desviando das investidas da força capitalista que propaga informações globalizantes e a padronização dos modos de relação.

No cotidiano dos moradores, uma manifestação importante da socialidade amazônida é a partilha de alimentos. A distribuição de *putáuas* promove a dissolução da mercancia; se por um lado a mercancia é primordial para a hegemonia capitalista, a partilha de alimentos, por outro, é vital para força de vida amazônida.

Afirmar que a vida cotidiana dos moradores do bairro é uma forma ativa de resistência às sobrecodificações capitalistas não quer dizer, entretanto, que ela opere uma cristalização das existências neste lugar; o que seria impossível, diante das modulações de diferenciação na biodiversidade e sociodiversidade amazônica. Ainda que a força capitalista crie dilemas importantes para os moradores ao jogá-los na esteira do progresso, o que essa etnografia procurou mostrar é que, habitando a terra, as pessoas atualizam seus conhecimentos e, assim, resistem ativamente às capturas axiomáticas da força capitalista.

Creio que a resistência singular dos moradores do bairro Pérola do Maicá tem muito a nos orientar na produção de caminhos para resguardar a vida amazônida, em sua multiplicidade.

REFERÊNCIAS

- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Tradução de John cunha Comerford. Contra Capa Livraria. 2000.
- BRASIL. Lei n. 18,051/2006 de 29 de dezembro de 2006. Plano Diretor Participativo do Município de Santarém
- CASEY, Edward. **How to get from space to place in a fairly short stretch of time: phenomenological prolegomena**. InEm:: Steven FELD & Keith BASSO (Orgs.). Senses of place. Washington, University of Washington Press. pp. 13-52, 1996.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Editora 34. Rio de janeiro, 1995
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 2010 Editora 34, São Paulo, 2010.
- GOW, P. Land, People, and Paper in Western Amazônia. 1995. In: HIRSCH, Eric & O'HANLON, Michael. (Orgs.). **The anthropology of landscape. Perspectives on place and space**. Oxford: Clarendon Press. pp. 43-62.
- LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da territorialidade**. Brasília: UNB, 2002.
- SARMENTO, A. M. S. **Protocolo de consulta prévia: instrumento de diálogo e de fortalecimento das comunidades quilombolas do Maicá, Santarém-Pa: UFOPA**, 2019.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ. **Relatório Técnico**. Grupo de Estudo do EIA do Porto Maicá. Universidade do Oeste do Pará Santarém-Pa, 2018.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. **Desenvolvimento econômico e reenvolvimento cosmopolítico: da necessidade extensiva à suficiência**. Sopro 51. Panfleto Político Cultural. 2011. Disponível em: [www: http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/suficiencia.html](http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/suficiencia.html). Acesso em: 30 abr 2022.